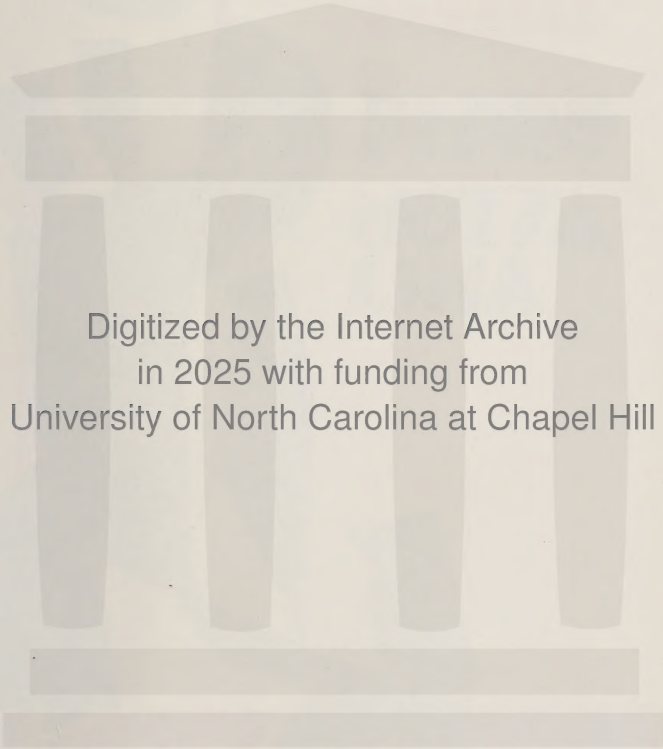
THE LIBRARY OF THE
UNIVERSITY OF
NORTH CAROLINA

ENDOWED BY THE
DIALECTIC AND PHILANTHROPIC
SOCIETIES

PQ9697
.M737
B75


Digitized by the Internet Archive
in 2025 with funding from
University of North Carolina at Chapel Hill

https://archive.org/details/bruhaharomance00unse

BRUHAHA

ROMANCE

DIDRO
MOTTA
LIMA

PAULO, PONGETTI & CIA.
RIO DE JANEIRO — 1930

LIVRARIA
CASTRO
E SILVA
LISBOA

1.023.179-67

PEDRO MOTTA LIMA

PQ9697
.H .M737
B75

BRUHAHA

(ROMANCE)

EMPREZA GRAPHICA EDITORA - PAULO, PONGETTI & CIA.
AVENIDA MEM DE SÁ, 78 - RIO - 1929

BRUHAHA

ANTÓNIO DUARTE BARÃO
Rua 20, N.º 44
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
LISBOA - 5

A Carlos Süssekind de Mendonça

e

Abdon Torres

PRIMEIRA PARTE

A Cidade Trepidante De Emoções e De Machinas

1.

I

O collarinho partido, a gravata em farrapos, escoriações, um olho fechado por ecchymose negra, o corpo todo dolorido.

A um canto do xadrez Eurico soffre a sua maior vergonha. Não concebia uma violencia assim. E que prisão !

O Rio... A cidade fascinadora que o attraia desde a infancia... Cidade onde moravam todas as suas esperanças... O ingenuo sonho de provinciano.

Preso, espancado, diminuido, porque ? Uma confusão na Avenida em noite de carnaval. Luta na delegacia. A insolencia do commissario actuando-lhe na bossa de gerações e gerações sertanejas.

Defronte um bebado resona, inquieto, estirado no cimento, a cabeça numa poça de vomito. Malandros ageitam-se no estrado para dormir. Além das grades, uma preta ébria grita obscenidades contra o delegado, o commissario e o promptidão.

— Suas pestes ! Vão tomar banho...

Eurico, palpebras cerradas, a cabeça no rustico da parede, revê o passado. Lateja em relampagos o olho contundido. A Faculdade de Dir to do Recife... Collegas, professores... O latinorio: *honeste vivere, alterum non laedere...* Depois, imagens mais queridas. A prima Guiomar... Conceição, a irmãzinha tão meiga... E sua mãe, pezarosa, que lhe estende os braços...

Esconde o rosto para chorar.

II

O mesmo despertar no quarto de pensão. Tecto encardido, moveis baratos, chão sujo, os restos de um tapete desfiado, o balde immundo.

Eurico levanta-se e consulta o espelho do toilette. A cara do primeiro Santa Cruz de Negreiros que apanhára e oito dias depois trazia o punhal virgem na bainha. Um covardão ali dentro do espelho !

Espelho... O espelho da sala, no engenho, nunca viu uma figura daquellas ! Espelho... "Era uma vez, Branca de Neve"... As historias de bruxas e fadas que lia no peitoril da casa grande, sob a luz forte do acetylene, emquanto os irmãos contavam proezas e discutiam marcas de pistolas. "Era uma vez, Branca de Neve"... Que saudade !

Amollentado, senta-se á beira da cama para tomar o réles café com leite. Mastiga machinalmente um pãozinho deste tamanho !

Valerá a pena tentar ainda ? Uma carta para o dr. Jeronymo de Almeida Lopes, grande banca de advogado. Outra para Misael Faro, redactor da "Ultima Hora", gloria provinciana que o "Jornal do Estado" muito elogia.

Meio hostil... Misael Faro ! Almeida Lopes ! Admira-os.

O pão tem um ligeiro travo de inveja. Timido, medroso, fervilha-lhe um desejo de vencer...

III

Duas caras conhecidas na Avenida. Abraços, effusão.

— Isto é que é terra, hein ? Você fez bem deixar aquillo lá. Aquillo está pôdre. Está em pensão ? Arranja-se coisa mais distincta, no Flamengo. E que noticias me dá ? O pessoal ? A Luzia, ainda muito desfructavel? E' verdade que está noiva do Alfredo ? O Alfredo sempre foi muito paca!

Eurico sorri. Tem vergonha de confessar a saudade — uma saudade dolorosa de toda aquella gente. Até do Alfredo e da Luzia, de todos os namorados que davam escandalos nos leilões... As festas do Rosario ! A zabumba a marcar o rythmo caboclo no duetto de pifanos... De intervallo a intervallo um foguetão: chóóóó... tôrôrô... tôrôrô... tôrôrô... pei ! E a "Euterpe", de palanque, desafinando dobrados. Os bazares, os cavallinhos, o caipira, a roda dos bichos... "Quem mais joga ? Quem não arrisca não petisca ! Vae correr!"

Trrrrrrrrréréréréré-ré-ré-— ré ——- ré ————ré.
"Avestruz !"

— Vamos tomar um café, Eurico.

IV

O Tenorinho, o Quintella e Eurico approximam-se da mesa onde um rapaz de roupa coçada toma, guloso, uma média com pão. A boca cheia:

— Olá !

— Eurico Negreiros, um collega da Faculdade do Recife. Misael Faro...

— Oh ! Misael Faro ? Tenho uma carta do dr. Juquinha...

— Ah ! O Juquinha. Que tem feito o Juquinha ? Quando virá deputado ? Esses camaradas não acham geito de subir em politica ! E' um tal de marcar passo... E a gente cá á espera delles... E as mensagens cada vez mais difficeis... Tempos bicudos ! E' como diz o latim: *o tempora* !

V

Eurico volta á pensão, apanha as cartas que traz amarradas com carinho, escolhe uma e fica a mirar o subscripto, na letra desenhada do dr. Juquinha: *Illmo. Sr. Misael Faro — DD. Redactor da "Ultima Hora"*.

Faz em quatro pedaços mais uma illusão.

2.

I

O velho casarão do Forum, na rua dos [illegible] lidos.

Pela quarta vez, naquella tarde, Eurico desce a escada carunchosa e curva. A escada da Justiça.

A pasta — a pasta do dr. Almeida Lopes — cheia de autos, empena-lhe o corpo. O peso do papelorio, que faz corcundas os antigos advogados. Aquelle phenomeno de teratologia que ficou lá em cima, na Vara, cochichando com o promotor, a deitar cinza de longa piteira num Codigo aberto ao acaso...

II

— Você está trabalhando com o dr. Almeida Lopes ? Uma banca de futuro ! Quer um cigarro ?

Eurico observa, interessado, a sympathica figura que improvisa assim uma camaradagem. Arregala os olhos, inclina a cabeça para traz, e risca o phosphoro com theatralidade.

— O' garçon ! E o copo com agua que lhe pedi?

Doutor emphase. O annel de gráo, um pharolão espalhafatoso que elle usa no index, é uma peça oratoria, uma joia literaria de ourivesaria.

O typo do advogado de grande carreira. Mas a psychologia de Eurico desmoraliza-se. E' um jornalista. Faz reportagem forense para "O Diario". Deseja que Eurico lhe ceda o processo do caso de adulterio. O pessoal do cartorio está se julgando muito necessario... Porque elle não quiz ficar com um bilhete de rifa. O reporter ve" olálá ! — é que não se aperta...

Vae puxando elle proprio os autos da pa... pel, lapis, e na mesa do café, o rubi do pharol chispando, copia trechos de depoimentos escabrosos.

Eurico nem consentiu, nem tem coragem de prohibir.

No écran da memoria passa-lhe o quadro da formatura. Becas malamanhadas, o juramento da collação, o seu discurso de orador da turma, os chavões sobre a ethica profissional.

III

— Ih ! mas que domingo páo ! Puxa !

Eurico levanta a cabeça e sorri, attencioso, para a filha da dona da casa.

— O senhor não gosta de passear, doutor ? Pois olhe: se eu fosse homem não parava em casa.

Conversa futil. Pequena desinteressante. Eu-

rico sente que não póde continuar a lêr. E não tem geito. Foi condição imposta pela senhoria, ao alugar-lhe a sala: Yolanda servir-se-ia da janella aos domingos.

— Vi hontem uma fita esplendida. O succo ! Lya de Putti, Ricardo Cortez e Adolphe Menjou. Que antipathico esse Menjou, não acha ?

Yolanda fala, fala, sacudindo-se toda numa roupa leve que lhe tráe a nudez vigorosa. Eurico não vê nem ouve. Recapitula os vexames, as contrariedades da semana. Afinal, não passa de um criado do dr. Almeida Lopes. Levando e trazendo recados, carregando-lhe a pasta cheia de autos. Desaforo ! E nem sombra de ordenado... Bella situação ! Prompto, sem nickel, rompido com o pae...

— ... "Ronald Colman é um bello typo. Em "Uma noite de amor", com Vilma Banky... Reginald Denny... George Lewis... Gladys Mc. Conell... Janet Gaynor... Jane Wintou... Ramon Novarro"...

... e o avô ressabiado por causa do namoro delle com a prima Guiomar...

— ..."Nenhum como Rodolpho Valentino. Nem Thomas Meighan, nem John Gilbert"...

... O atrazo de sua gente ! Seu pae, inimigo irreconciliavel do irmão, o tio Philomeno, não admitte que elle case com Guiomar. E o avô tambem. Uma saudade de Guiomar... Acodem-lhe pensamentos vulgarissimos para as surdas declamações de apaixonado. Fecha os olhos, contendo um pranto innocente.

— Não acha ?

— Como ?

— Que a Dorothy é um tanto prosa ? Prosa mesmo... Só vendo o chiquê della ! Revira aquelles olhos muito brancos... Como artista, mil vezes a Lya de Putti ! Sem comparação ! Como artista e como mulher. Um lindo corpo, sensual...

IV

— "Quintandêenro ! Salta menino laburute !"

— "Bae vessoura !"...

Dia claro, a cidade acorda para a vida monotona, na toada dos prégões.

Eurico não dormiu a noite toda. Rolando na cama, premeditava um rompimento solemne com o dr. Almeida Lopes. "Doutor, cansei de ser um seu moço de recados !" "Não foi para carregar pastas que fiz o curso na Faculdade do Recife !" "Hei de communicar ao dr. Mattos a attenção que o senhor dispensou ao recommendado delle !" "Fiquei tres mezes em seu escriptorio só para ver até onde ia o abuso". "Não pense que preciso de sua protecção". "Tão bom como tão bom !" Si o velho responder com um insulto, si o humilhar, esgana-o.

Atravessando o corredor e a sala de jantar, na direcção do chuveiro, cumprimenta d. Julia timidamente. E parece-lhe descobrir no máo humor da mãe de Yolanda a desconfiança de que elle não sabe onde arranjar aquelle mez o dinheiro do aluguel.

V

Chega ao escriptorio muito cedo. Arrumando os papeis de sua mesa, um velho bureau ao canto da sala, ferve-lhe a mesma revolta da noite insomne pela imaginação.

Uma onda de sangue sóbe-lhe ao rosto, ouvindo o pigarro do dr. Almeida Lopes, que bate, neurasthenico, a porta do elevador.

— Bom dia, Eurico.

Responde a custo. E as phrases decoradas na vespera atropelam-se na garganta. O velho advogado está ainda menos communicativo.

— Eurico ?

Eurico levanta a cabeça em silencio.

— Você vae me levar estes autos na Terceira Vara.

O rapaz ergue-se num movimento brusco. Quer explodir.

— Vá antes da audiencia. Na volta passe no cartorio da Setima e pergunte para quando está marcado aquelle summario. Sabe qual é ?

— Sei, sim, senhor.

E o dia corre egual a todos os outros. Um dia de submissão incondicional, de amollentada covardia.

VI

O dr. Almeida pede-lhe que o espere. Sairão juntos.

A opportunidade. Lá fóra, na rua, longe do escriptorio, tornar-se-á homem para protestar. O ambiente daquelle escriptorio é que o acabrunha. "Cansei de ser um moço de recados, doutor". "Não foi para isso que me formei". "Tão bom como tão bom"...

VII

Elle quer agradecer a gentileza da conducção mas não tem coragem. E só quando o carro se põe em marcha condescende o dr. Almeida em communicar-lhe o destino:

— Você hoje vae jantar commigo, Eurico.

Não é convite, mas uma determinação, uma ordem. Irritantes maneiras, aquellas !

Humilhado, encolhido na almofada da limousine ordinaria, Eurico continu'a mudo.

— Você me disse um dia que desejava entrar para a imprensa. Não é bem uma profissão. Mas desembaraça os moços timidos como você. Passei por lá... Com o Alcindo Guanabara. Fazem-se relações. Vale a pena.

No palacete da Tijuca, é apresentado á familia Almeida Lopes. Uma quarentona radiosa. Duas melindrosas escanifradas, attestando a virtude materna pela angulosidade inconfundivel nos traços do pae.

— O rapaz que trabalha em meu escriptorio.

Pontas de dedos bem tratados. Uma attenção protectoral. O "dê-me o seu chapéo" e o "queira sentar-se", amabilidades lá de cima para baixo.

— O Amaral terá meia hora de tolerancia. Você conhcee o Amaral, Eurico ? Redactor-chefe da "Folha da Manhã"...

— Ahn !

— Vem jantar comnosco. Muito nosso amigo. Falei-lhe de você. Ficou de arranjar um logar na redacção.

A familia retira-se um instante. Só, na sala, Eurico examina os moveis, as estatuetas, os pequenos quadros, o lustre dourado, com menos prevenção. Olha uma photographia em modesto caixilho: o dr. Almeida, mulher e filhas num passeio campestre.

Exercita a sua psychologia: parece boa gente.

3.

I

Nos primeiros dias de imprensa, Eurico sente a pressão de uma hostilidade barbara. Irreverencia, aggressividade, zombaria.

Tecelões e sapateiros em gréve, é mandado para a Saude, a acompanhar os trabalhos dos syndicatos. Assembléas fatigantes. Desordem. Analphabetismo. Influencia desorganizadora dos "leaders" anarchistas. "O camarada presidente não tem o direito de me cassar a palavra !" Tumultos. Um tympano ensurdecedor. "A causa sacrosanta da liberdade"... "Um por todos, todos por um !" "A união faz a força". "Unidos e cohesos fá-çamos valer os direitos dos espoliados".

Um rapaz imberbe, olhar energico, gesticulação cortante, domina a confusão. Voz imperiosa e doce.

— "Camaradas!"

Todos ouvem a sua exposição clara.

— "Estamos aqui para decidir. Ponto final á

discurseira. O que nos interessa: continuamos a gréve ou capitulamos deante do patronato ?"

De uma ala do salão vozes reclamam: "Votar, votar, votar, votar"...

Protestos. E a liberdade de opinião ? Um hespanhol de gravata espectaculosa berra contra o arrôcho dictatorial.

Vae alta a madrugada. Na sala quasi deserta oradores renitentes queimam a phraseologia bruxoleante. Vence o espirito de desordem. A fadiga abate até os mais devotados, que insistiam por deliberar.

A um canto discutem apaixonadamente o hespanhol discursador e o joven de olhar energico.

— Vocês são o individualismo inconsequente. Nós preferimos as grandes acções de massa. Vocês ignoram o a-b-c das questões economicas, desconhecem a engrenagem do mundo capitalista. E querem arrebentar a machina de aço da oppressão com um verbalismo utopico. Aos preconceitos de uma philosophia abstracta sacrificam a victoria da classe operaria.

— Todo sacrificamos a la causa del futuro libertario ! Nuestro ideal es un ideal puro ! La fraternidad ! La libertad ! La justicia ! Contra todas las organizaciones autoritarias ! Contra todas las oppressiones !

— Demagogia... O problema da oppressão, na luta de classes, depende de um sentido affirmativo ou negativo. Quem exerce e contra quem se exerce a oppressão ? A burguezia opprime para explorar os trabalhadores. Os trabalhadores, para

vencer, terão de instaurar a dictadura de sua classe. E assim opprimirão os remanescentes da classe parasitaria, até a sua integração na nova ordem social.

Palavras e idéas estranhas a Eurico. E elle surprehende-se com a transcendencia das questões na palavra de um rapaz humilde, num meio onde só descobrira antes ignorancia, confusão, miseria physica, pauperismo intellectual. A primeira nota de curiosidade naquelle ambiente em que suffocava. Uma curiosidade, ainda assim, que não vence a repugnancia instinctiva contra sêres e coisas do mundo em que penetrou por dever do novo officio. Na aura do "leader" moço lampeja qualquer coisa de diabolico, a atiçar-lhe no subconsciente, nas profundas camadas do atavismo, terrores supersticiosos...

A discussão prosegue. Malatesta, Kropotkine, "los valores morales"... Uma prelecção sobre o determinismo historico, para concluir pela fatalidade da victoria do proletariado.

Eurico sáe tonto. Ao meio fio do passeio, num carro-soccorro da policia, alguns soldados a cabecear.

Atira-se ao bonde que passa. Aquillo é que é a vida de imprensa ? O jornalismo da metropole, tão sonhado pelos idealistas provincianos ?

II

— O senhor que é de jornal deve saber...

Mas Eurico não sabe. E é um escandalo. Nem

d. Julia, nem Yolanda podem admittir aquella ignorancia. Então um reporter de jornal não sabe porque se suicidou a telephonista com o caixeiro da luvaria na Ilha dos Amores ? !

O rapaz sorri, tira o pince-nez de tartaruga, e explica o trabalho dividido nas redacções. A dona da casa e a filha ouvem maravilhadas. Importancia.

— O senhor não escreve esses artigos sobre crimes ? E' o que eu gosto. E mamãe tambem.

— A's vezes sáe cada historia de arrepiar... Mas eu gosto, sim. Tem jornal que sabe mesmo contar... Eu desde meninota gostava muito de romance. Hoje não tenho tempo. Só leio jornal. E no jornal não é mentira, é tudo verdade.

Eurico informa. Um simples reporter de policia escreve columnas e columnas ao correr da penna.

— Nós, propriamente da redacção...

Yolanda abre muito os seus olhos negros, encolhendo os labios carminados. Jornalista, Eurico exerce naquelle temperamento modernissimamente romantico o eterno poder de fascinação intellectual. D. Julia é que ainda desconfia. Além de jornalista, advogado... Preferia que elle fosse apenas o filho do fazendeiro, candidato a umas fabulosas heranças na provincia, de onde lhe chegam cartas com subscriptos garatujados.

III

Uma promoção a chronista parlamentar. Re-

dactor politico, embora não conheça os politicos, nem comprehenda as intrigas da politicagem. Os companheiros festejam com ironias a ascensão do "phoca". Veteranos de uma trintena lamentam a decadencia do jornalismo com a invasão daquella gente moderna. O zelo do rythmo das phrases e da solemnidade de orgãos tradicionaes. No tempo do Quintino...

Eurico volta para casa feliz. Ceia um bife na Pastora, da Lapa. Sóbe a pé a avenida Mem de Sá. Atravessando o casario novo da esplanada a que a civilização reduziu o velho morro, confia em si, confia no futuro.

Até o dia amanhecer escreve cartas aos amigos da provincia, em papel com o timbre — Camara dos Deputados. Fala-lhes displicentemente da sala do café, do continuo Serapião, da camaradagem com Carlos de Campos, pianista, compositor, bohemio, "leader" de poderosa bancada.

IV

Seis mezes de aluguel pago, d. Julia dá intimidade. Não ha mais o hospede cerimonioso. Aos domingos, desde cedo, elle fica na sala de jantar em pyjama e chinellos, integrado na vida familiar. D. Julia passa roupas brancas a ferro no topo da mesa. Yolanda chulia o remonte de um vestido, põe laçarotes nas ligas, muda os cadarços poidos do *soutien*, substitue a fita do chapéo tantas vezes reformado. E Eurico abandona os livros, deserta da sala semanalmente arrumada com desvelo

pela moça, atraza a correspondencia com o Estado, perde o interesse pelos autos de causas insignificantes que o dr. Almeida Lopes já lhe confia. Goza a palestra banal da velha, os inexgotaveis incidentes de *atelier* narrados pela costureirinha no sutaque e na gyria com que elle começa a sympathizar.

— Quer morrer logo á noite no cinema, seu almofada ?

— Menina...

— Ora, d. Julia !

— Não gosto dessas confianças.

— Confiança... vê lá. Senhor Doutor Eurico Santa Cruz, dignissimo jornalista... Passo ! Então, como é ? Explica-se na bilheteria ?

— Menina !

— Aqui mesmo no bairro. Combinado ? Garante a zona ? Toque nestes ossos, illustrissimo dr. Negreiros ! Espia só que bellezinha o meu vestido vae ficar...

V

Afundado num mapple da Sala dos Deputados, Eurico vê passar as figuras conhecidas de sua infancia. As caricaturas d'"O Malho"... Entidades quasi mythologicas para o matuto perdido em distancias que a falta de communicações alonga tanto. Ali á mão... Humanissimas. Culturas indigentes, mentalidades rotineiras, preconceituosas. "No terreno maldito da politicalha, caatinga fustigada pela estiagem dos cyclos de dominação pessoal, as

especies reduzem-se á *sylva horrida* dos Pachecos, dos Abranhos, dos Gouvarinhos"... Idéa para uma chronica. Iniciará a collaboração pedida pelo deputado Loureiro, dono do "Jornal do Estado"...

— Bôa tarde !

— Bôa tarde, doutor.

E' um prazer. Nomes que reteve, no banco da escola primaria, decorando palavra por palavra as respostas da Historia do Brasil... Prudente de Moras, José Bonifacio, Antonio Carlos, o moço... E aquelle, o mocissimo, o caçula das estampas do compendio, a cumprimental-o — bôa tarde ! — num sorriso de camaradagem... "São os grandes homens da patria, seu Eurico ! E você intimo de todos elles, hein, seu pirata !"

Puxa do bolso a cartinha recebida pela manhã. Estirando as pernas, as botinas municipaes gozando o contacto do tapete, relê as innocentes palavras de saudade. Timidez, vacillação, receio de um peccado em tudo: no talhe da letra infantil, na orthographia, na redacção, no proprio motivo da correspondencia, um pretexto mal justificado. A candura da matutinha amorosa ! Os sustos daquella carta ! "Desculpe a letra e os erros, pois escrevi muito avexada". Subitamente, transportado para a cidadezinha serrana, saboreia o remate cauteloso: "Sem mais, da prima e amiga sincera — Guiomar".

O papel está impregnado de um aroma subtil, evocador de coisas agradaveis.

4.

I

Alexandre Leão acompanha-o em caminhadas sem rumo pelas avenidas silenciosas. Acompanha-o para discutir.

Foi-lhe apresentado pelo Tenorinho, que abandonou um collegio de frades, no Recife, com a cabeça cheia de philosophia revolucionaria. Alexandre Leão... O joven da discussão com o hespanhol na agitada assembléa de sapateiros... Approximou-se de Eurico. Frequentou a redacção da "Folha da Manhã". Acabou acceitando a direcção da pagina syndical.

— Sei que a "Folha" trairá o proletariado na primeira situação difficil.

— Porque, Alexandre ?

— Porque só uma imprensa dirigida por operarios e mantida por operarios servirá sempre, com a intransigencia necessaria, aos interesses da classe pobre.

— Você exagera tudo... Mas para que acceitou um logar na "Folha" ?

— Para aproveitar a unica brécha. Comprehendemos o intuito da offerta. Explorar-nos, manobrar comnosco. Transformar a massa proletaria no lastro do "grande publico", indispensavel á industria da publicidade... E' a fatalidade historica. A burguezia forja as armas com que se ferirá mortalmente. Explorando-nos, tambem, cria a alta industria standardizada. Organiza o trabalho em bases socialistas. Concentra a classe obreira nas usinas, nas gigantescas fabricas, em torno das minas. Arregimenta o exercito adversario a enfrentar. Na hora em que as contradições do actual regimen tiverem de desapparecer...

— Contradições ?

— Contradições e incongruencias. Uma infinidade de problemas insoluveis, e que se irão complicando cada vez mais. Você conhece o phenomeno das crises periodicas de super-producção ? Sabe como e porque se formam os "trusts" ? Já observou como se processa,na curva descendente do capitalismo, a centralização bancaria ? Tem noção do que seja, no fundo, o imperialismo ? E a necessidade crescente do aperfeiçoamento da machinaria, augmentando a "super-população relativa", multiplicando em todo o mundo o numero dos sem-trabalho ? E o processus da proletarização da pequena e da média burguezia ? A diminuição do numero de millionarios, emquanto avulta, em progressão assombrosa, o coefficiente dos miseraveis ?

Eurico não entende nada. Nunca ouviu falar em taes coisas. Seus velhos professores de economia politica não foram além dos dogmas rotu-

lados como "leis classicas". Preleções superficialissimas, que lhe deixaram apenas alguns nomes rodopiando na memoria. Leroy Beaulieu... Gide... Foignet... Macleod... Mas elle discute. Péga no ar os argumentos de Alexandre para controvertel-os. Sorri de Marx. Um sorriso que aprendeu com os antigos mestres. Sustenta um eccletismo sovado. Nem tanto á terra, nem tanto ao mar...

— In medius, virtus !

— Assim pensa você como pequeno burguez. Mentalidade da classe intermediaria... No meio quem está é você. O grande burguez prefere extremar-se nas theorias reaccionarias, como nós, trabalhadores, nos sentimos admiravelmente do lado opposto.

Idéas que se embrulham na cabeça do bacharel. A madrugada surprehende-os pelas ruas desertas, animada a polemica. E o guarda nocturno deixa-os passar, porque não se apercebe do crime que vão commettendo.

II

Eurico sente a vida monotonizar-se. Seducções... O mundo perde até no aspecto panoramico, banalizando-se os contornos, as perspectivas, os horizontes de linhas hypotheticas. Adapta-se a um viver mediocre. Adquire habitos methodicos. Um homem sem ambições nem queixas. Não explora, não se julga explorado, não opprime, e dentro do circulo de giz de sua conformação acredita-se um cidadão livre. Feliz ? Barbeando-se ao es-

pelho redondo, o rosto á luz da janella que dá para os fundos de casebres onde mulheres pobres lavam, a cantar, raciocina. Os olhos, sem o amparo do pince-nez, franzem-se numa expressão de ironia, concordando com o sorriso que lhe repuxa os cantos da boca. Pertence a que escola philosophica ? "Serei a ultima encarnação do pae da descrença ?" E ri da propria cara, á Pyrrhon seculo XX...

Theorias em debate, doutrinas que apaixonam, systemas politicos, interesses em conflicto, sectarismo, partidos... Um crepitar de revoluções. A cidade de S. Paulo em chammas. Combates, bombardeios, exercitos em choque, batalhas navaes. O paiz de norte a sul conflagrado. Uma guerra civil despertando a consciencia dos sertões esquecidos. A flammula rubra da mocidade militar acenando ás multidões como a promessa de um grande porvir. Quatro annos de epopéas. Quatro annos de martyrios nas masmorras, nos degredos, na angustia das conspirações improductivas. Quatro annos de tripudio do absolutismo.

Na sua época agitada, em meio á tormenta de opiniões, "isola-se na torre do indifferentismo, defendido pelo pára-raios da preguiça intellectual". Faz phrases: "Preguiça intellectual", não — "ausencia de curiosidade". Ah ! o valor de uma imagem ! O valor de um retoque ! Artificialidades. "Nós, os pensadores"...

E a sessão da Camara ? Veste-se ás pressas. Desce a rua, e, já no bondinho de cem réis, repara como amanheceu besta...

III

— Café ? Desiste, Eurico. Olha a hora...

— Que pressa é essa, menina. Deixe o doutor jantar direito. Cinema, cinema... Que mania !

— Não amole, mamãe.

Eurico, addido á pequena familia, chupa uma laranja em mangas de camisa. Levanta-se a correr, enfia o paletot e sáe com Yolanda, sem ligar aos protestos vagos de d. Julia.

Para o cinema. O mesmo cinema de bairro, a mesma orchestra, as mesmas musicas, os mesmos films. Todas as noites, methodicamente, depois do jantar. A um angulo discreto, nas ultimas filas. Tom Mix vôa em seu cavallo branco por sobre abysmos incriveis. Carlito devora no deserto o solado de suas botinas. Uma estrella secundaria revira os olhos em longos suspiros. Murmurios, interjeições de meninas emocionadas.

A emoção de Eurico e Yolanda... Muito longe, o violino, a flauta em agudos, o piano a manquejar, o contra-baixo em roncos medonhos. E os dois mergulhados nas trevas, tacteantes, amando a obscuridade. Duas horas só interrompidas pelos hiatos de luz que os surprehendem, numa assustada recomposição de attitudes.

Sóbe com ella, de volta, pelo Zig-Zag, o braço contornando-lhe a cintura. A' sombra de cada lampeão mordica-lhe ainda os labios abrazados. Depois, ladeira abaixo, em passos gigantescos, calculando chegar tarde á redacção, leva na me-

moria do paladar o sabor de tantos desejos assanhados naquella alma de corpo virgem.

IV

Mister Brown era a preoccupação do dr. Almeida Lopes. Assumpto de longas palestras. Quantos planos ! Eurico foi levado á casa do americano. Um grande bangalô da avenida Atlantica, cheio de conforto.

Na penumbra da sala de tapetes raros, o director da Brazil Improvements Corporation recebe-os sem paletot, a camisa de tennis aberta ao peito. O dr. Almeida Lopes faz uma apresentação solemne:

— O dr. Eurico Santa Cruz de Negreiros, mister Brown.

— Oh ! Dóctor Negrérôs ?

E tentando quebrar-lhe os ossos da mão:

— Está muito joven ! No Brasil estão sempre muito jovenes todos homens publicos...

Eurico sente-se homem publico. E sympathiza immediatamente com o americano. No rosto corado, um sorriso infantil. Ingenuidade nas palavras, nos gestos, nas attitudes. Criança grande, rica, forte, mal educada. Faz perguntas sobre legislação, sobre o valor de contractos. Acolhe com enthusiasmo e admiração as respostas promptas de Eurico, e como vê no silencio grave do dr. Almeida uma approvação a tamanhas trivialidades, arregala os olhos claros e abana a cabeça, contente.

— O dr. Eurico Negreiros vae ser muito util á Companhia, mister Brown, sobretudo, pelas suas relações. Chronista parlamentar, priva com todo o mundo politico...

— Oh ! sim, muito bem.

No automovel, regressando á Tijuca, o dr. Almeida Lopes faz seccamente a communicação. Eurico está nomeado secretario do Departamento Legal da Brazil Improvements Corporation. E commenta:

— Abrem-se horizontes muito largos deante de você, Eurico. Trabalhe e persevere.

V

Alexandre Leão apresenta a Eurico "o camarada Portinho". Portinho é um camarada immenso, portuguez no sutaque e na bigodeira. Presidente da Associação dos Conductores de Vehiculos e Classes Annexas, deseja contractar um advogado de confiança. Uma pequena advocacia de partido, que Eurico acceita sem hesitar.

— Você não tem nenhuma incompatibilidade, Eurico ?

— Incompatibilidade ?

— Para advogar a favor de operarios.

— Ué ! Não sou magistrado, não pertenço ao ministerio publico... *Quod non vetat lex*...

Alexandre Leão sorri, encolhendo os hombros. Eurico fica a olhal-o, sorrindo tambem. E essa! O Alexandre sempre esphynge, com uns ares enigmaticos...

VI

— Yolanda, Yolanda ! Yolanda está ahi, doutor ?

D. Julia bate á porta do quarto de Eurico. Yolanda mesma dá volta á chave e abre, deixando a mãe entrar, afogueada.

— Que é que a senhora tem ? Que barulho é esse ?

— Yolanda !

— Que foi que viu ?

— Isso não está direito, Yolanda !

— Isso o que ?

— Não foi esse o ensino que lhe dei ! Não está direito ! Não quero saber disso em minha casa! Doutor... E o senhor tenha paciencia. Minha filha é uma pobre costureira. O senhor, naturalmente, não quererá... Além disso, não está certo, não está decente. Yolanda não tem pae, não tem um irmão, não tem ninguem por ella, mas eu sou uma viuva que me dei sempre ao respeito e não consentirei agora, depois de velha...

— Que é que a senhora está dizendo ? ! Que horror ! Nem sei o que parece !... Quem ouvisse a senhora falar pensaria logo...

— Yolanda...

— Qual Yolanda, qual nada ! A senhora é muito maliciosa ! Uma mulher inconveniente !

— Então está direito ? Uma moça solteira trancada no quarto com um rapaz...

— Cale-se, mamãe ! Cale-se !

— "Cale-se" ? Sua mãe, então, não póde...

— Por favor ! A senhora está me irritando. Tem alguma coisa com a minha vida ? Sou maior, sou senhora do meu nariz. E tenho juizo ! Não pense a senhora... Engraçadinha ! Até me offende... Olhe, a senhora, com os seus escandalos, está me offendendo, sabe ?

— Os meus escandalos...

— Faço dentro desta casa o que muito bem quizer. Quem é que paga o aluguel ? Quem é que ganha para as despesas ?

— Minha filha, minha filha...

Lagrimas grossas rolam pelo rosto da velha. Eurico não tem coragem de erguer os olhos e fitar em cheio aquella mater dolorosa.

VII

Os salões do dr. Almeida Lopes têm o brilho das soirées de requintado mundanismo. Decotes. Joias. Perfumes.

Eurico estonteia-se ao primeiro contacto com aquella aristocracia burgueza. Dansa. Dansa dansas modernas, collado ao par. E é um esforço de contrôle sobre os sentidos de barbaro para não escnadalizar a gente fria da alta civilização. Passa num tango argentino, um tango morno, e colhe uma phrase do velho advogado, em conversa com a esposa:

— "Rapaz de bello futuro..."

Durante o resto da festa Mme. Almeida Lopes envolve-o em attenções. E quando o descobre a dansar com uma das filhas feias, ella, quarentona formosa, olha-o com os olhos humidos de gula.

5.

I

Pensa em montar escriptorio. O seu escriptorio ! Augmentam os clientes. E o dr. Almeida Lopes irrita-se com a sala cheia de operarios mal vestidos.

— "Você fez mal, Eurico, acceitando esse partido. Muito incommodo, muito aborrecimento... O ordenado não compensa. Depois, uma canalha!"

A cara de nojo com que se refere á "canalha"...

Mas Eurico não vae desprezar mil socios da Associação dos Conductores de Vehiculos e Classes Annexas... Muitas obrigações ? Tanto melhor. Desdobrar-se ao serviço da Improvements Corporation, na phase de installação... As pequenas causas confiadas antes pelo dr. Almeida... E mais o jornal...

Bons vencimentos, pago em dollars, é a seducção do conforto. Cansa-lhe subir e descer o Zig-Zag da Ladeira do Senado. Um bairro melhor...

Um hotel de luxo em Santa Thereza... O Flamengo, Copacabana...

E Yolanda ?

Amor ? Nenhum attractivo maior. Nenhum laço espiritual. Vulgarissima. Apenas mulher, como tantas. Problema que se enquistou na sua vida...

Que fazer ? Ha soluções canalhas. Mas dentro delle qualquer coisa se oppõe á separação. Uma força deliciosamente paradoxal.

II

"Eh !... Eh !... Bae burr !... Eh !... Bae !..."

A garotada, por entre assovios, festeja o penoso trabalho. E os carroceiros, em acrobacias sobre os tamancos, arrastam alimarias e a carroça na difficil escalada. As janellas da rua Paula Mattos enchem-se de curiosidade. Os portuguezes desatam as cordas dos moveis claros, subindo com elles pelo Zig-Zag, até á casa de d. Julia. Sáem para a rua mulheres em chinellos sem meias, formando grupos, a commentar.

— Hum ! sim, senhora...

Uma menina de olhos ingenuos:

— Sabe, mamãe ? Parece que a Yolanda vae casar.

— Cala a boca ahi !

Para d. Julia aquillo é uma vergonha. Peor que a morte. A cama de casal, vistosa, com frisos embutidos... Por traz da veneziana, a velha

chora sentindo a crueldade da justiça dos vizinhos, unanimes em recriminal-a:

— E' isso. Quem bate com a lingua paga...

III

A convivencia de Alexandre Leão, a principio apenas divertida, começa a influir. Eurico sente-se menos egosita, mais inclinado a philosophar. E uma nova ambição nega a ambição anterior, do tempo em que o commodismo o fazia um sceptico, a afastar os problemas difficeis num encolher de hombros, a ridicularizar a menor tentativa de comprehensão. E' a ambição de ser mais do que um individuo á parte, confortavelmente ignorante. A ambição de conhecer forças poderosas e saber aproveital-as, e actuar sobre ellas com a intelligencia, movimentando-as no interesse da collectividade, e, assim, no seu interesse proprio.

Alexandre fala-lhe do novo methodo de observação, o néo-hegeliano. A verificação realista dos phenomenos sociaes. As classes estudadas no conflicto de todos os dias, os individuos segundo o meio e as condições de existencia, os phenomenos debaixo da linha nodal da dialectica marxista.

Elie vae ouvindo.

IV

Entre os livros futeis e os livros velhos de sua bibliotheca de bacharel com tendencias literarias,

apparecem por emprestimo obras volumosas traduzidas do allemão e pouco divulgadas. Eurico lê com avidez, pelas madrugadas a dentro. Lê sob o protesto de Yolanda, encantada com a vida matrimonial, agora sem subterfugios e só perturbada pelas censuras moralistas de d. Julia.

V

Devora, aquella noite, os ultimos capitulos do "Anti-During". A producção, a distribuição, o Estado, a familia, a educação... Experimenta o abalo das concepções revolucionarias. A emoção do formidavel discipulo de Copernico, ao ver abaixo as theorias escolasticas ! O seu enthusiasmo, ao sentir o mundo chato dos theologos convertido na esphera que a sciencia experimental haveria de esquadrinhar !

Eurico maravilha-se. A moderna intuição, a visão original do mundo, o *Weltanschauung*, a philosophia na mais ampla significação, condensada por Engels em quatrocentas paginas.

— Eurico ! Que horas são estas ? !... Vem te deitar...

— Vou já, minha filha.

— "Vou já, vou já"... Ah ! tambem.

VI

Elle percebe, no bosquejo da penumbra, o vulto da amante meio adormecida no leito amplo. Yolanda... E fixa o seu caso intimo. Livre arbi-

trio ? Desorientação, desconnexidade, inconsciencia... Eis o que accusa o instrumento da velha logica. A sorte anda e desanda indifferente á sua vontade, não raro contrariando-a, surprehendendo-a quasi sempre. Na posse do novo methodo, comprehenderá mais facilmente a vida ? O espirito torturado á procura das razões de ser... Porque, e porque, e porque... Porque, mesmo ?

Accende um cigarro e sorri de si proprio. Hamlet retardatario...

— Vem, Eurico...

— Vou já.

VII

Em companhia do dr. Almeida Lopes, Eurico levou a bordo mister Brown. O americano vae aos Estados Unidos receber instrucções dos chefes da All America Improvements Cy. Ltd., a que está ligada a Brazil Improvements Corporation. E' preciso vencer a Anglo-Brazilian Improvements.

Não correram bem os negocios nos primeiros mezes. O projecto de concessão, já de volta do Senado, encalhou na Camara. Um deputado opposicionista fez delle o "pivot" da obstrucção. E o "leader" da maioria, e os "leaders" das principaes bancadas, embora compromettidos com mister Brown, precisaram ceder para que o governo tivesse os orçamentos votados.

Sem desanimar, o estrangeiro, na sua apparencia saudavel de bom menino, teimou. E ao des-

pedir-se dos principaes auxiliares nativos, affirmou, encorajando-os:

— Estou sempre acostumado a perder partidas. Porém, estou sempre vencedor, no fim. Quero voltar e fazer uma bella viktoria.

VIII

O dr. Almedia é que se irrita muito. Isto é um paiz perdido... Nem progredimos por nós mesmos, nem consentimos que venham outros concorrer para o progresso nacional. Vil politicagem! Exploradores sem vergonha ! Trataram uma coisa com mister Brown, entregaram os pontos a um réles orador de phrases bombasticas, e nem satisfação !... Si mister Brown não fosse um homem intelligente, sairia desconfiando dos intermediarios. A culpa cabe a todos. Como consentir que um só homem impeça o Congresso de deliberar ? O que nos falta é um governo forte. Um Mussolini ! Um Primo de Rivera !

Eurico sobresalta-se. Contesta a principio com subtileza. Acalora-se pouco a pouco, e, exaltado, verboso, condemna o fascismo, condemna todos os movimentos reaccionarios. Apoplexo, garante ao velho advogado, que o ouve boquiaberto, a transitoriedade de taes dictaduras. Berra que nenhuma força retardará muito a transformação social. Ameaça, colerico, o desmoronamento do mundo actual por uma revolução tanto mais violenta quanto mais forte se exercer a pressão dos que se oppõem aos factores naturaes.

Fatigado, suarento, a garganta em fogo, já sentado á mesa do cfaé para onde o dr. Almeida o arrastára, sorve num trago o copo dagua que o garçon lhe trouxe resmungando.

— Você me espanta com essas idéas, Eurico ! Sempre pensou assim ?

— Mais ou menos...

Deriva a conversa para assumptos banaes, ri das anecdotas contadas ensossamente pelo amigo, acaba julgando attenuado o effeito da explosão revolucionaria. No olhar do dr. Almeida Lopes não desapparece, entretanto, o brilho inquieto de quem surprehende em pessoa querida um symptoma de perigosa enfermidade.

IX

Yolanda arranca-lhe o livro das mãos, pontilha-lhe o rosto de beijos carminados, enlaçando-lhe o pescoço no braço quente e macio.

— Um domingo tão bonito, e nós em casa, Eurico !

— Vamos sair ?

— Não. Prefiro estar á vontade comtigo...

— Então ?

Phrases paradoxaes. Silencios de amúo. Impertinencias. E uma nova crise de caricias, num ron-ron felino, cortado de beijos nervosos.

— Eurico !

— Que é, filhinha ?

— Ah ! Eurico ! Você não me quer bem... Olhe aqui: porque você não casa commigo ?

— Ora, bobagem !

Eurico enxuga-lhe as lagrimas hystericas, repetindo ainda uma vez a explicação. Emquanto o avô viver não se casará. Neto preferido, devendo-lhe tudo, recusou uma noiva matuta escolhida pelo velho. Desistiu de outra, por não ser do gosto delle. Para que tirar-lhe a esperança, abreviando-lhe certamente a morte ?

Uma desculpa...

— No Norte é assim ?

— Assim, como ?

— Os rapazes não casam sem o consentimento do avô ?...

Oh ! o tom de sarcasmo ! Irrita-se, enerva-se.

— Pois olhe, Eurico: para viver com você, para me entregar a você não respeitei nem a mamãe...

Elle chega a commover-se. Depois, sente o ridiculo da attitude romantica e odeia o sentimentalismo da phrase de legenda cinematographica.

X

Almoça com Yolanda no restaurante da Urca.

Um domingo luminoso, o casario moderno do bairro que se improvisou faiscando embaixo, sente-se Eurico burguezmente assentado na vida. Um vinho branco e toda a complicação do *hors d'oeuvre,* mais a extravagancia de uma rã dourada... Yolanda revela o poder de adaptação. Os dedos ageis da antiga costureirinha, segurando o talher

de peixe, imitam a displicencia das damas de estimação que lhe servem de modelo nos refeitorios de luxo. Eurico, o magico daquella transmutação, observa-a em silencio, os olhos rindo por traz do pince-nez de tartaruga.

— Ha muito não sou tão mal servida !

— ?...

— Champignons ordinarissimos e palmitos que parecem talos !...

— O feijão preto lá de casa é melhor, não acha ?

Ella amúa-se. Escusa de estar a toda hora lembrando-lhe a condição anterior ! Mas naquelle horizonte amplissimo, o céo muito alto e muito lindo encerrando na sua cupula os encantos da Guanabara, o bom humor de Eurico permanece inalteravel.

Ao café, puxando fumaradas azues de um "corona" — só de farra ! — dos mais caros, recapitula os varios annos de luta no Rio. A primeira impressão forte: o xadrez. A tragedia anonyma pelos corredores do Forum. Os primeiros dias de imprensa, dias angustiados... E, de repente, a sorte — numa virada inconcebivel. Boa situação jornalistica, a Brazil Improvements, e uma larga base para a sua advocacia particular. A sua advocacia ! O lastro de sua confiança. A independencia, no futuro ! Especializa-se nas causas operarias. Ha de ser ainda o primeiro em accidente no trabalho, em legislação de defesa social. E a sua fama de bom advogado no genero vae correndo. Quatro syndicatos, dos mais importantes, o

contractaram. Uma commissão do Soccorro Operario Internacional procurara-o já, pedindo para incluir-lhe o nome no quadro de seus defensores. Tudo aquillo vale como reclame... Pelo seu escriptorio desfilam, diariamente, dezenas e dezenas de conductores de vehiculo, ferroviarios, tecelões, metallurgicos, pedreiros... E liga-se agora a uma organização internacional !

O vagonzinho do Caminho Aereo escorrega de fio abaixo. Eurico procura fazer Yolanda rir.

— Malcreadinha !... Narizinho arrebitado !...

— Vá amolar outra !

Um homem satisfeito com a pequena ração de felicidade. E o vagonzinho, de fio abaixo, escorregando...

6.

I

Dia de emoção nova para elle. Emoção tempestuosa, sacudindo-lhe os nervos. Eurico veste-se lentamente, pensando no que irá dizer, arranjando imagens banalissimas para commover o conselho de sentença. Yolanda irrita-se com aquelle seu ar abstracto.

— Responde, Eurico ! Você parece que anda sonhando...

Um caso que empolgou a opinião. Ali estão os jornaes. Convidam os trabalhadores a acompanhar o julgamento de Vincenzo Mazaniello, o velho proletario assassino do gerente da fabrica. "Senhores jurados, tendes deante de vós, no banco dos réos até onde a fatalidade o arrastou, o obreiro humilde cujas mãos callosas"... Que coisa idiota ! Incapaz. E assumira o compromisso de auxiliar a defesa, alistando-se entre os advogados escolhidos pelo Soccorro Operario...

— Hein, Eurico ? Você voltará cedo ?

Criminalistas de renome, um professor de direito, as maiores figuras da tribuna judiciaria irão falar. Depois, elle... Deverá sujeitar-se ao fiasco ? Nem o processo conhece. Que dirão as testemunhas ? Testemunhas ? Pelo relato da imprensa ter-se-ia passado tudo no interior de um gabinete. O tintureiro da fabrica de tecidos desfechára toda a carga do revolver contra o gerente. Ouvindo os estampidos, empregados do escriptorio correram ao local, prendendo o assassino ainda deante da victima, attonito, a arma fumegante na mão...

— Olha, Eurico, si você não estiver em casa ás sete horas, fico zangada !

II

Uma assistencia compacta, espremida no salão do Jury. O promotor desalinhava o libello, revelando a jurados espantadiços o crime, apontando-lhes o criminoso. Rhetorica bem dosada, num discurso feito por obrigação de funccionario publico. Vincenzo Mazaniello agira com premeditação. Discutira, na vespera, com o gerente da fabrica. A'quella tarde, premunido de um revolver, tornára ao gabinete da victima, para alvejal-a com cinco tiros. Matára com superioridade de armas. Matára por motivo reprovado. E o advogado da sociedade convida o tribunal popular, já que se aboliu a pena de morte, a condemnar o quinquagenario a trinta annos de prisão.

III

A' Companhia Bambina de Fiação e Tecidos não basta a palavra do ministerio publico. Tem mais confiança em accusadores pagos pelo seu cofre. Contracta auxiliares da accusação para vingar a morte de seu gerente na pessoa do operario encanecido e alquebrado num trabalhar rude.

Os bachareis alugados á vindicta privada pintam o monstro que a fabrica vê sentado no banco dos réos. Observem os senhores membros do conselho de sentença: ali está o classico typo do criminoso. Um temperamento criminal, de Ferri. O indice facial de Dallemagne. A *ténue negligée* annotada por Fursac. A brachycephalia reveladora de inferioridade, segundo Pawlowski, e Marro, e Monti — uma duzia de psychiatras. Tudo indica o anomalo moral, na classificação de Ingenieros. Confusão de escolas, servindo umas e outras para illustrar a opinião de encommenda. Carrara, Lombroso, Beccaria, Garofalo... Erudição barata, mas bem remunerada.

O auditorio cabeceando, intoxicado pela monotona arenga. Declamação entorpecente. O chloroformio de idéas rebatidas em phrases velhas.

IV

A multidão ulula na rua. Por sobre o mar de cabeças fluctuam, aggressivos, soldados de cavallaria. O palacio do Forum está isolado por uma linha de atiradores, as carabinas embaladas. E da

massa que augmenta de minuto a minuto, transbordando na tarde do segundo dia de julgamento de Vincenzo Mazaniello, elevam-se imprecações confusas, protestos, intimações em brados guturaes:

— "Liberdade p'ra Mazaniello !"

— "Abaixo a justiça de classe !"

Nas galerias do Tribunal, pelos corredores, em toda a extensão da escada até á rua, operarios e operarias se comprimem. Os curiosos de sempre? Não. As attitudes tráem o sentimento de solidariedade. Sem ver e sem ouvir nada do que se passa no recinto, homens de todas as edades, mulheres carregando creanças não arredam o pé das immediações. Quando os assistentes da primeira linha se manifestam em algazarra, um fluido magnetico percorre os corredores, desce a escada, ganha a molle immensa da rua, numa ampliação formidavel.

— "Mazaniello 'tá innocente !"

E o éco se desdobra: — "... nocente !... nocente !..... cente !..."

V

Treplicam os advogados. Mal dormidos, a attenção presa noite e dia ao mesmo assumpto, subjugados pela fadiga. Só nos assistentes o mesmo interesse. Recebem com applausos, ainda, a repetida versão da defesa. Essa, a verdade que lhes agrada. A sua verdade !

"Julia Mazaniello, a pequena tecelã de dezoi-

to annos, perdera a mão no tear. A lei de accidentes garantia-lhe uma indemnização. Com um cheque ao portador, o patrão, mesmo sem dar maior segurança á nova manejadora da machina, livrar-se-ia da responsabilidade. Acham pouco os trabalhadores ? Para o industrial, é uma extorsão. Submette-se aos riscos da profissão quem quer. Elle, pagando o salario indifferentemente a qualquer braço, não obriga ninguem a trabalhar. O perigo de accidentes ? Tenham mais cuidado. Necessitados não faltam para substituir os que morrem ou se invalidam... Com essa mentalidade, o gerente da Fabrica Bambina alugou bachareis especialistas em burlar a legislação operaria. Julia Mazaniello, a mão amputada, ficou a pesar no orçamento miseravel da familia. A protecção legal tardava. E o velho Mazaniello, aconselhado por advogados, entrou a negociar um accordo com o gerente da fabrica"...

— "Esse gerente era um bandido !"

... "bandido !.... bandido !.... bandido !....."

— Attenção ! A assistencia não póde manifestar-se.

"O gerente irrita-se. Que exige Vincenzo Mazaniello ? Dinheiro pela mão da filha ? Uma indemnização porque não póde mais explora-la, como ás duas outras, que continuam no tear, e o filho de doze annos, já sobrecarregado... Reclina-se na cadeira de molas e offende os brios do proletario: — "Velho indecente ! Explorador das filhas ! Caften !"

Tumulto na assistencia. Improperios, palavrões ditos de punhos cerrados. Os tympanos mal abafam o vozerio. A palavra severa do presidente do Tribunal reclama ordem. Prosegue o advogado.

"Vincenzo Mazaniello fita em silencio o aggressor. Retorna a casa. Lar de extrema pobreza. Casinhola apertada e baixa, na senzala da fabrica. Por todo mobiliario, enxergões em desalinho, tamboretes de taboas de caixão... Julia, o braço aleijado na tipoia, atiça o fogo na trempe. A panella de feijão chilre, o unico prato para a refeição de todos. Annita e Gabriella voltam da fabrica. — "Está doente, meu pae ? Porque então só fez meio dia? Olha a conta da venda"... Uma allucinação. Na cabeça das filhas ha scintillações de pedrarias. E o vestidinho de cassa rala adquire o tom das fazendas de luxo... O catre duro, o ar abafado e quente na noite de verão. A idéa fixa é uma púa: caften, caften, caften !... E o dia amanhece em chammas, o sol rubro, escaldante. A sereia da fabrica lembra a angustia de um mourejar sem fim. Corre á gaveta da mesa tosca. Apanha o revolver enferrujado. E sae".

Novo tumulto. A assistencia bate com os pés e grita como na segunda classe dos cinemas de bairro, estimulando o heróe dos dramas empolgantes.

— Attenção ! Attenção !

VI

Eurico acha inutil falar ainda. Quando Ale-

xandre Leão consegue approximar-se delle, faz ver que nenhum advogado atinou com a mais profunda, a principal causa da tragedia. Formula rapidamente a opinião. Eurico seduz-se pela versão original. Apaixona-se pelo ineditismo, e, num impulso, chega á tribuna.

"Que significa o choque violento de dois homens — o tintureiro e o gerente da fabrica ? Banalissimo effeito, effeito quasi ridiculo pelas suas proporções, mas inconfundivel nas caracteristicas da grande causa secular. As leis naturaes, na economia como na cosmogonia, tambem produzem abortos. A energia do black-botom historico, a dansa das rãs, desencadeia tempestades e funde planetas mortos para o milagre da resurreição nas nebulosas. Em qualquer dos phenomenos, essa energia chamar-se-á electricidade".

As pernas tremem-lhe. Suspenso, um arrepio em circuito pelo systema nervoso, uma sensação de dormencia no cerebro. Em torno cirandam as figuras. A archibancada vae e vem, augmenta e diminúe, em varias perspectivas, através das lentes fortes da emoção. Surprehende-se a si e aos outros com uma these arrojada.

"Conhecem os jurados o poder da luta de classes ? A rivalidade que se origina de situações economicas differentes. A irreconciliabilidade entre grupos de individuos plasmados em meios diversos, sob condições antipodas, em regimens de vida antagonicos, determinando sentimentos oppostos, idéas oppostas, caracteres oppostos... A rivalidade millenaria de que resultam os attritos mais ou

menos violentos, a marcar as etapas da civilização".

Ha um quê de estupefacção entre os da massa inculta. Ainda assim, applaudem com sympathia. Elogiam, por instincto, o que está fóra do alcance de sua intelligencia.

— "Moço p'ra falá bem !"

"Luta de classes ! Toda luta de classe é, para a sociologia moderna, uma luta economica e uma luta politica. Toda luta economica, uma luta de classe e uma luta politica. Toda luta politica, luta economica e luta de classe. A revolução sanguinolenta, o pleito eleitoral, a gréve ou o lock-out, o conflicto entre nobre e burguez, entre burguez e proletario — luta simultaneamente economica, politica e de classe. Luta que se manifesta internacionalmente, ou num paiz, numa região, numa cidade, num só ramo da industria, numa unica fabrica, entre os tabiques de um gabinete... A gréve dos trabalhadores egypcios ha quatro mil annos. Spartacus. A Reforma e a Guerra dos Camponezes na Allemanha, com a intervenção do partido de Munzer. Cromwell e os Niveladores. A rajada de 89, com Diderot, o dialectico, e Babeuf, o communista. A França de 1848. O relampago fascinador dos communardos. A hecatombe russa de 1905. Thiers, o pae de Nicoláo II, o avô de Mussolini. E o eterno anseio dos opprimidos. E a victoria moscovita de 1917, alarmando o mundo antigo com o clarão da queimada immensa... Luta de classes !"

— Attenção ! As galerias não podem manifestar-se ! Attenção ! Attenção !

"Levanta-se o proletariado em todo o mundo a favor de Sacco e Vanzetti. A gréve geral ingleza. Em 1918, a gréve revolucionaria do Rio. A suspensão do trabalho numa officina. A indignação num atelier. Ergue-se o braço de um obreiro, no escriptorio da fabrica, para o revide á injuria partida da outra classe: a arma vingadora de Vincenzo Mazaniello — senhores — alvejou, mais que ao inimigo pessoal, feito num minuto, a affronta e a injustiça de uma classe, inimiga secular".

Nenhum contrôle no discurso. Catadupas de phrases, uma rhetorica turbilhonante, idéas desdobradas em idéas proliferas, multiplicando-se em gommos — protozoarios do pensamento. Orador, participa Eurico tambem do auditorio. A eloquencia enthusiasma-o. A onda de calor de suas palavras bate em cheio no publico, electrizante, e volta para envolvel-o, na tribuna, incandescendo-lhe os periodos, elevando mais o calor ambiente, até ao paroxismo de um delirio generalizado.

"Mazaniello não tem, no crime, responsabilidade individual. Trata-se de uma questão de fundo economico. O insulto dirigido á familia de trabalhadores, dictou-o antigo odio de classe. Questão economica, odio de classe — quer dizer — a mão callejada de Vincenzo foi, portanto, apenas o instrumento de um crime politico. No interior da Fabrica Bambina houve mais do que um vulgar homicidio, houve o choque inevitavel entre o capitalismo e o proletariado. Condemnem os jui-

zes de facto não o pae da tecelã mutilada. Condemnem, si a consciencia o permitte, toda a classe victima, a classe operaria !"

Num impeto, os assistentes põem-se de pé. E gesticulando, em gritaria, palmas e pateada, applauso louco e vaia de endemoniados, repetem o estribilho dos agitados dias de julgamento:

— "Liberdade p'ra Mazaniello !"

— "Mazaniello 'tá innocente !"

— "Abaixo a justiça de classe !"

Tympanos. Um reforço de policia militar, baionetas caladas. Tumulto pelos corredores e de escadas abaixo. Lá fóra, o barulho da arruaça.

— "Liberdade !..."

— "Innocente !..."

— "Mazaniello !..."

— "Mazaniello !..."

O tropel da cavallaria: pracatá !... pracatá !... pracatá !...

7.

I

— Quem abriu esta carta ?
— Eu. Quem podia ter sido ?
— Quem podia ? Manda a educação...
— Basta ! Já sei, já estou cansada de saber que não tenho educação. Você porque não procurou alguma princeza ?
— Eu não procurei nada, ué !
— Porcaria duma carta muito...
— Yolanda !

Olham-se fixamente, num silencioso duello de odio. Eurico aperta nos dedos o enveloppe subscripto na letra hesitante da irmã. Uma carta de confidencias ingenuas. Informações em que se focalizam aspectos da vida intima. A familia distante... Lendo os periodos innocentes, pureza anti-grammatical, sinceridade, ausencia de malicia, candura bucolica, sente a mão da saudade apertar-lhe a garganta. Mãe ignorante e bôa... O pae atarefadissimo, rude, barbaro... Tropelias dos irmãos brigões, nos sambas dos terreiros — que

graça ! — cachaça de pagode, desencaminhando caboclinhas solteiras... O eito... Cannaviaes... O engenho, bueiro fumegante, a moenda a gemer, os cambiteiros assoviando toadas selvagens... Cavallos relinchando, aos corcovos, na bagaceira... Bois mansos... O cheiro forte do curral das vaccas... Reticencias dolorosas pontilhando a memoria.

— Você o que é, é muito estupido.

Eurico relê o post-scriptum: "Vôvô, tirante a canseira de velho, goza saude. graças a Deus, e manda muitas lembranças. Ja ia mesquecendo a Guiomar de tio Philomeno se casou a semana passada com o dr. Edson do sr. Anthero Nolasco que é agora o dono da usina Bôa Vista".

Guiomar casada. Guiomar, o seu grande amor de adolescente. O motivo de sua fuga para o Rio... E ella ainda lhe escrevêra uma carta, cheia de timidez e recato ! Esquecida no interior... Casou. Casou com o Edson Nolasco, um grosseirão, muito burro, cabeça chata, estudante chronico de engenharia. Coitada !

— Não vem jantar, Eurico ? !

Yolanda é irritante demais. Detestavel ! Um odio surdo ferve-lhe por dentro, misturando Yolanda e Edson Nolasco.

II

Mister Brown voltou disposto á conquista. Esperando a vez para falar-lhe, Eurico ouve

lá dentro, no gabinete, a voz sentenciosa do dr. Almeida Lopes:

— "E' um orador formidavel. Uma revelação ! O homem que procuravamos. Não tenha duvida: possuisse a companhia um advogado com tanta eloquencia na Camara"...

Quem será aquella victima do máo gosto do dr. Almeida Lopes ? Eurico olha com ar distraido a ponta do sapato, entre os estranhos que vão chegando á sala de espera. Mas já não entende nada. Nos farrapos da conversa, meias palavras saindo pelo nariz de mister Brown, apenas uma perspectiva de occupação maior e de maiores responsabilidades.

III

A's quintas-feiras Eurico janta com os Almeidas Lopes. E fica para a recepção. Em familia, as meninas declamam poesias insipidas e tocam piano. D. Lucia (Mme. Almeida Lopes é já simplesmente d. Lucia) trata-o com um carinho maternal. Admirando-lhe a formosura e a mocidade resistente, elle surprehende uns peccadilhos a cabriolar pela imaginação. Deriva improvisando historietas. Uns tons de anecdota a incidentes banaes, e gargalhadas estrondam na sala. O dr. Almeida torna-se ridiculo, caricaturado no appellido de Giló. Quebra-se nelle a solemnidade do silencio, relaxam-se os musculos severos da mascara, sempre contradictado pela mulher e as filhas.

— Qual, papae ! Não foi assim !

— Nada, Giló ! Você está contando errado.

A campainha annuncia — que massada ! — o primeiro frequentador habitual. Gestos de contrariedade põem termo á festa verdadeira. Começa o jogo de phrases. Depois o piano, emquanto a palestra se anima, obrigando a respostas gritadas. Pobre Beethoven ! Desgraçado Chopin ! Lá vem o chá quentissimo em porcellana traiçoeira...

Eurico, em posição estrategica, fita com atrevimento os olhos azues de uma Diva Lamego, loura perigosa que saltita dentro de *robe du soir* camarada. Approxima-se do piano para ouvil-a cantar uma romanza.

Sem mais interesse pelo resto, adhere á roda grave onde o dr. Jeronymo de Almeida Lopes ("qual nada, Giló !!") pontifica:

— As instituições britannicas, sob aquella apparencia de conservantismo, vão se diluindo numa perigosa politica de concessões liberaes. Na Norte America...

Encolhido num mapple, fumando cigarros em silencio, Eurico diverte-se até tarde.

IV

Absolvido o velho Mazaniello, as filhas e o filho menor foram demittidos. O novo gerente vingou a morte do collega. Si o Jury perdoara o assassino, elle conseguiria estender a punição da fome a toda a familia de tecelões. Persegue-os obstinadamente. Despejou-os da villa proletaria. O

nome dos Mazaniellos está na lista negra de todas as fabricas de tecidos.

Alexandre Leão convidou alguns membros do Soccorro Operario a testemunhar aquella obra de vingança. Com o professor Mattos Gouveia, da Universidade, o linotypista Potengy, secretario da União dos Graphicos, e o presidente do syndicato dos ferroviarios, José Gonçalves, Eurico toma um trem de suburbio. A locomotiva resfolegante corre menos que a sua curiosidade.

Tsiiiu !... Tsiiiu !... "Quintino Bocayuva !"

Casario pobre. Ruas abandonadas. (A consagração do propagandista da republica, o apostolo do jornal...) Uma caminhada fatigante, ladeira acima. No alto, o barracão suspenso em mourões, sobre o terreno escavado pela enxurrada. A familia despejada na Gavea foi bater ali, como naufragos. Acolheu-a o metallurgico Ferreira, cunhado de Vincenzo Mazaniello.

Acabrunhado, os hombros caidos, o velho tintureiro mal se ergue do tamborete para saudar os visitantes. O filho róe as unhas, desengonçado, apoiando-se ao portal. A filha mais moça, Annita, superexcitada na luta, é que se transfigura. E dentro da miseravel redoma do casebre avulta a sua figura de mulher nova, bella, talvez, si a fadiga do trabalho penoso, si o depauperamento, na vida de privações, não lhe marcassem o rosto anguloso e aspero. Impressiona. A cabelleira fulva chammejando ao vento, os punhos cerrados, o semblante illuminado por uma expressão cambiante de odio e de amor. Na palavra, de eloquen-

tes barbarismos, no gesto largo, no porte airoso, um todo de energia a infundir respeito.

Eurico, abstracto, a imaginação exaltada, vê em Annita Mazaniello um symbolo.

V

Noite alta, Yolanda assusta Eurico na redacção da "Folha da Manhã".

— Que é que ha ? !

Ao topo da escada, ella chora sem responder. Que teria havido de grave para fazel-a sair áquella hora ? Entre afflicto e irritado, insiste:

— Diga, Yolanda ! Que foi ? !

Toma o chapéo, desce á rua com ella. Num taxi, manda tocar para casa.

— Não, Eurico, não ! Para lá não volto mais. Aquella mulher me acaba ! Prefiro o peor dos ranchos, longe della. Para lá, não, não, não !

— Brigaste outra vez cmo tua mãe ? !

VI

Mudaram-se os dois para um apartamento mobiliado em Copacabana. Yolanda pisa os tapetes com delicia. Abre o lorgnon para identificar nas télas insignificantes a assignatura de pintores desconhecidos.

Eurico segue-lhe os movimentos, pensando na pobre velha d. Julia.

VII

No escriptorio de Eurico, Annita Mazaniello informa-se sobre o recurso para o Conselho Nacional do Trabalho, reclamando as férias a que tinham direito ella, as irmãs, o irmão e o pae, ao serem despedidos. O processo encalhára. Não dava esperança.

Mal vestida em cassa côr de rosa, o cabello de ouro velho á "la garçonne", sem chapéo, sapatões amarellos brigando com o tom das meias, nem assim é ridicula. De apparencia timida á primeira vista, fala com segurança, as mãos grandes, fortes, mal tratadas, cortando o ar em gesticulação energica. Naquelle conjunto onde a miseria predominou, Eva ainda se tráe pelo olhar e pelo sorriso, victoriosos sobre a maceração no regimen do salariato. E o feminino triumpha, ganhando em vigor, em firmeza, em intuição rapida, em prompta decisão, em coragem na defensiva, em sadio optimismo — o instincto levando a uma confiança quasi fatalista — o que perde em fragilidade, em delicadeza, em finura, em coquetterie no refinamento das bonecas de porcellana com que a nobreza e a burguezia, rematando as duaéras, coloriram a sua decadencia.

Eurico sente-se empolgado por uma sympathia avassaladora. Quer ajudar aquella mulher a vencer. Observa-a. Collo encardido, onde jámais a elegancia de uma perola desmaiou. A cutis grosseira, sem maquilhagem. O espirito sem educação. O corpo virgem do contacto de sedas e estô-

fos, na ignorancia do conforto em que se aprimorou a civilização actual. Como ficaria Annita num vestido elegante, a pelle cuidada, mergulhado no ambiente de bem-estar que a aristocracia creou para seu uso exclusivo ?

Ella fala-lhe com simplicidade. O irmão menor trabalha agora como aprendiz numa fundição. O pae não teve outro recurso sinão acceitar o serviço na rêde de esgôto da City. A irmã aleijada, mendingando. A outra — coitada — cansada de soffrer, saiu com um motorneiro da Light, para voltar mais tarde carregada de filhos. E ella ? Dedicada inteiramente á questão operaria. Incumbe-se da organização das mulheres. Revolucionaria profissional, mantida pelo partido de sua classe.

— Vou dar muito trabalho ao doutor, como advogado...

VIII

Quinta-feira. Saido o ultimo frequentador das recepções, o dr. Almeida chama Eurico a seu gabinete. Assumpto grave. O Giló da intimidade desapparece. Vincada a testa, fala como nos primeiros tempos do auxiliar do escriptorio.

— Você, Eurico, vae ser deputado federal. Federal, sim, pelo Espirito Santo. Mister Brown queria que fosse eu. Ora, passei da edade com que se ingressa na politica militante. Depois, os meus affazeres, a minha banca... Não compensaria o prejuizo. Você é para mim como um filho.

E moço, intelligente, culto, vontade de apparecer... O fogo dos vinte aos trinta. Eu, pobre de mim, dobrei já o Cabo da Bôa Esperança.

D. Lucia invade o gabinete:

— Quem foi que dobrou o Cabo da Bôa Esperança ? Você, Giló ?

Enche a saleta com o seu riso alacre. Sob o jorro de luz do abat-jour que abre um oasis na penumbra do interior, o ventre semi-adiposo descansando no bureau-ministre, interrompe a conferencia com a sua garrulice, a brincar com a espatula de marfim e os pesos artisticos. Eurico mudo, estarrecido. O dr. Almeida enfadado.

— Era segredo, Giló ?

—Sim, e não. Uma questão politica. Emfim, como todo o publico ha de saber... O nosso dr. Eurico Santa Cruz de Negreiros vae ser eleito deputado, preenchendo a vaga aberta na bancada do Espirito Santo.

— Você politico, Eurico ? E eu não sabia...

— Nem eu tão pouco, d. Lucia.

Formalizado, o dr. Almeida reprehende-o.

— Máo ! Você não estréa bem. Em politica, ouve-se e cala-se. Saiba ter um pouco mais de circumspecção, rapaz ! Si vae dizer a todo mundo como entrou na politica, e porque se fez deputado...

— Bolas, Giló ! Você tem umas tolices ! Já virei "todo mundo', a qume não se deve dizer nada... Bolas ! Olhe, Eurico: eu preciso falar tambem com você só. Passe aqui uma destas tardes, antes de ser deputado...

IX

Eurico reune os amigos. Alexandre Leão. Abel Torres, medico seu conterraneo, José Proença, engenheiro da Brazil Improvements, o Quintella, o Tenorinho.

— Devo acceitar ?

— Ainda pergunta, seu Eurico ?

— Não. E' delicado. A Companhia quer ter alguem na Camara. Mister Brown, que negocia o emprestimo do Espirito Santo, além de ter lá as concessões que vocês sabem, indicou-me para a vaga aberta. Indicasse Lampeão ou Carleto, e um delles seria deputado. A mim, repugna-me...

— Ora, deixe de ser besta !

— Não, Proença. Não quero ser um puritano idiota. Isso de ser candidato imposto por um argentario estrangeiro, sem duvida...

— Si não fôr você, será outro.

— Não importa, meu velho. Não acceito esse argumento para...

— Eu não seria capaz...

— Sei, ora essa ! Vocês não percebem onde quero chegar. Toleremos a immoralidade... O Alexandre diz bem: a situação de facto do dominio imperialista. Resta ver — e é aqui que eu esbarro — si não me prejudicarei, incompatibilizando-me com mister Brown, já na Camara. Então será peor para mim; nem a Camara, nem o emprego na Companhia, que hoje me basta.

— Tudo depende de sua habilidade.

— Habilidade, Quintella ?

— Confio em você. Aposto como será reeleito para o anno. Vae acabar governador dos capichabas.

Sorrindo com descrença, appella Eurico para Alexandre Leão. Não diz nada ?

— E' uma questão de fôro intimo, Eurico. Não bancarei o propheta. Mas só vejo dois caminhos, levando a pontos oppostos.

— Sim...

— Ou você se apassiva nas mãos do americano, tráe os interesses dos brasileiros, auxilia a exploração imperialista, e sóbe, e prospera — ou mantém a sua personalidade, acaba rompendo com mister Brown, com a Companhia, com os amigos e espoletas de mister Brown, e neste caso cáe ! Não ha equilibrismo possivel. Não se illuda.

— Então recuso ?

— Si não lhe exigem um compromisso formal... Uma cadeira no parlamento não é arma que se despreze.

Um compromisso formal ! Eurico não encontra na consciencia apoio a tal idéa. E Alexandre insiste. Com elle o caso era simples. Tem como programma lutar pela victoria de sua classe e pela defesa nacional contra o imperialismo. Não lhe deixe o inimigo uma arma ao alcance da mão. Traição ? Traição é alliar-se aos exploradores das massas brasileiras. Indigno seria si traisse os interesses nacionaes e internacionaes do povo a que pertence.

Eurico não recebeu a mesma educação. Desenvolve sua actividade em outros meios, oscllan-

do-lhe a vida entre a esphera alta dos que lhe aproveitam a intelligencia e as camadas mais humildes, onde encontra affinidades de coração e de pensamento. Hesita...

X

— Insisti para que viésse agora, Eurico — e d. Lucia toma-lhe o chapéo á entrada — porque estamos sós. As meninas sairam e não voltarão tão cedo.

Atravessam a sala de espera, o salão de jantar, até ao pequeno commodo de mobiliario simples onde a familia fica á noite, emquanto o dr. Almeida lê os jornaes. Eurico acompanha-a em silencio. Ferve-lhe o sangue. Nos tapetes que lhe abafam os passos, nas ante-camaras sombrias, nos stores parados, em tudo um ar de cumplicidade. A suggestão de mysterioso e indefinido crime. Segue em sobresalto. Segue aspirando voluptuosamente o perfume que ella deixa no rasto.

— Senta aqui, Eurico.

— Sentam-se no mesmo divan. Elle aperta os joelhos, as mãos muito frias em fecho. Ardem-lhe as orelhas. E d. Lucia tem a maturidade saborosa da mulher que não quer e não se deixa envelhecer.

— Eurico...

Uma pausa torturante, angustiosa. Elle procura vencer a timidez:

— Ainda precisaremos falar ?

— Como ? Não precisarei falar ?

— Certo que não.

— Poupa-me, então, o vexame... Oh ! só o coração me obrigaria...

— Mas não falemos, que é melhor. Preconceitos... Suffocamos uma paixão, soffremos ás vezes barbaramente, pelo receio infantil de sermos egoistas e máos... E nada mais doloroso e mais cruel do que essa dissimulação reciproca...

— Ao homem compete a iniciativa. Porque dissimulou você tanto tempo ?

— Medo de não ser correspondido...

— Bobo ! Ninguem no mundo...

Approxima-se, num arroubo, empolgado pela exaltação dos sentidos:

— Consente ?

Num transporte de felicidade, ella abandona-lhe a mão carnuda, que os seus labios queimam num beijo sem fim.

— ... ninguem no mundo te quererá mais do que ella. Consinto, consentiremos com muita alegria. Deus os abençoe, meus filhos !

Eurico solta-lhe a mão sem comprehender.

— Deus os abençoe.

O pince-nez cáe no tapete e elle curva-se, meio cégo, ás apalpadelas.

— Quanto minha filha soffreu por sua causa, Eurico ! Esse seu temperamento á antiga... A duvida é que a matava. Não supportaria mais, coitadinha... Não achou ainda o pince-nez ? Ih mas como elle é myope ! Aqui tem os seus antolhos, rapaz.

XI

A preoccupação de Eurico: não descubra Yolanda a noticia de seu noivado. Fica em casa inutilizando as secções mundanas dos jornaes. E todos trazem o pedido de casamento da senhorita Lucinette Matta Gayoso de Almeida Lopes, filha do illustre consultor juridico dr. Jeronymo de Almeida Lopes e de sua exma. senhora, pelo dr. Eurico Santa Cruz de Negreiros, redactor da "Folha da Manhã", advogado nos auditorios da capital, influente politico no Estado do Espirito Santo.

O abalo moral. Castiga-o a memoria com a recapitulação das scenas desagradaveis. D. Lucia desorientando-o no qui-pró-quó daquella tarde. E a participação aos intimos, num jantar solemne, o dr. Almeida Lopes erguendo a taça para confessar muito superiormente o agrado com que recebe o candidato á mão da filha... Revolta-o a passividade, a falta de coragem, o amollecimento que o dominou em todo o enredo vaudevillesco. Tão facil dizer a d. Lucia, no primeiro momento: "Não posso ! Não quero Lucinette ! Iria fazel-a infeliz !" Attonito, protelou a solução. O decorrer das horas complicou tudo. Antes, bastaria uma recusa formal — não ! Mais tarde emmaranhava-se numa rêde inevitavel de explicações cada vez mais difficeis. Esclarecer a d. Lucia a intenção das phrases não comprehendidas... Revelar ao dr. Almeida a confusão de d. Lucia... Tudo, mais a desillusão a que obrigaria Lucinette, quando, emocionada, já lhe apertava as mãos, offerecendo-lhe

a boca cheia de dentes largos para um beijo incommodo e desenxabido...

Yolanda, num pyjama de seda negra, estirada no divan, os cotovellos fincados em almofadas fôfas, goza a ociosidade de todos os dias, embebida na leitura de revistas cinematographicas.

Por todo o apartamento, janellas abertas para o mar, o silencio de uma calmaria. A paz conjugal.

8.

I

Uma nota pittoresca na sessão ordinaria da Camara. Palmas. Flores atiradas ao recinto. O novo deputado pelo Espirito Santo é introduzido segundo a pragmatica fria do regimento. Sob o riso dissimulado ou a indifferença dos parlamentares veteranos, dos funccionarios da secretaria, dos jornalistas acostumados á cerimonia vulgar. Da tribuna especial, a familia Almeida Lopes, íntimos e aggregados promovem o escandalo da ovação.

II

O "leder" da bancada pede-lhe que não saia do recinto. Um opposicionista obstrue. E' preciso dar numero para as votações.

— "... queiram levantar-se".

— "... cincoenta e sete á esquerda"...

— "... setenta e dois á direita"...

Recostado á poltrona, por entre a surda alga-

zarra da desattenção com que se vae legislando, um somno dyspetico chumbando-lhe as palpebras, Eurico revê num meio sonho a escola primaria. Carteiras em amphitheatro, a mesa do professor no estrado, um relogio — tac-tac, tac-tac, tac-tac — arrastando preguiçosamente as horas, para marcar uma longa, uma extenuante ociosidade...

— "Pela ordem !"

Eurico sonha com a infancia. A vida sedentaria do collegio... A volta para casa nas férias... O engenho...

— "Os senhores que approvam queiram levantar-se".

III

Domingo luminoso de setembro. Yolanda, á sombra da barraca, exhibe-se num maillot de luxo. Festiva, multicôr, bizarra feira-livre de belleza e de innocentes peccados.

— Cruzes ! que indecencia...

— Hein ?

— Nu-i-nha ! Olha só. Tambem assim é demais...

Uma formosa mulher que passa.

Eurico accommoda-se de novo na areia. Semicerra os olhos, coando a luz através das pestanas que o sol redoura. Vôam gaivotas. Gaivotas ? Na téla azul do céo sem nuvens, dois pontos movem-se langorosamente. E os olhos myopes cansam-se, fecham-se, numa saturação de luz e de belleza da praia ensolarada. Seu pensamento vôa com

as gaivotas pelo azul. O bairro do conforto, o bairro lindo, o bairro dos aristocratas. E uma favella bem proxima. Barracões miserrimos. Além, a cidade do trabalho, ruas estreitas do commercio, arranha-céos, os telhados ennegrecidos das officinas, as chaminés das fabricas, a faixa extensa do caés, navios atracados... Mais além os suburbios onde Cendrillon, a Classe-Burralheira, soffre a injustiça da organização madrasta...

Annita Mazaniello... Trabalho, privações.

O pensamento revôa e torna sobre o cáes, e as chaminés, e os telheiros fuliginosos, e o lindo bairro dos aristocratas... Mulheres formosas, a nudez beijada pelo sol na praia. Mulheres que repousam sem preoccupações nem canseiras.

— Está dormindo, Eurico ?

— Hum ?

— Vamos cair nagua ?

IV

Findo o jantar, o dr. Almeida chama Eurico a um canto da sala. Accende os charutos, e, entre brincalhão e severo:

— Você tem uma amante, não ?

— Amante, propriamente...

Não sabe responder á pergunta inopinada. Amante ? Repugna-lhe dar esse nome á companheira. Confundil-a com a mercenaria que se aluga pelas joias, pelo conforto, pelo dinheiro do homem encontrado ao acaso ?

O dr. Almeida refestela-se no mapple, as per-

nas abertas em V, os saltos dos sapatos cortando o tapete. Ao alcance do cinzeiro a mão em que o havana fumega. Um ar digestivo, uma expressão vagamente canalha.

— Eu comprehendo. Do contrario não o vexaria. Nem reprovo. Tambem fui moço. E não mentirei negando que ainda hoje...

Ri para a braza do charuto um riso de macaco.

— Ha quantos mezes está ella por sua conta ?

Impertinencia ! Eurico soffre áquelle vasculhar da vida intima. O seu tom é quasi aggressivo.

— Vivemos juntos ha tres annos.

— Hum !...

Longo silencio. O velho reclina-se, o olhar no tecto, puxando ao charuto volumosas fumaradas. Cerra as palpebras pensativo. E somnambulo, voz pausada:

— Os deveres do matrimonio... Quando se diz que o marido deve protecção á mulher e a mulher obediencia ao marido...

Uma horrivel prégação de moral. A sua moral ! Todo um systema de convenções deshumanas, anti-physiologicas, cynicas, de baixo cynismo utilitario. As uniões illegaes... Irresponsabilidade. Delictos monstruosos, desprezados pela lei, tolerados pela sociedade, impunes. Situações de facto sem consequencias juridicas. Prole "illegitima". Falta de garantias para a mulher.

— Você, Eurico, precisa libertar-se dessa mulher quanto antes. Não vá ser victima de alguma

chantage. Quando ellas sabem que a sua presa quer safar-se para casar, então... Não vá protelando. Póde lhe custar caro. Não só em dinheiro... Aborrecimentos, contrariedades para você e, o que será peor, para a sua esposa, futuramente. Na confiança reciproca, no respeito mutuo temos a pedra angular da sagrada instituição da familia. Ainda quando o homem se deixa arrastar por umas tantas seducções (um lampejo de velhacaria no olhar) deve prevaver-se para que a mulher não saiba nunca.

Lucinette interrompe-os.

— Ih ! papae quando péga um christão para cacetear ! Espere ahi que o meu noivo (arrasta-o pela manga, enfia-lhe no braço o seu braço fino, falando-lhe perto do rosto, os labios recuando ante a furia das gengivas rubras, os dentes largos, numa expressão de carinho ameaçadora) o meu noivo tem quem lhe dê "habeas-corpus"...

O dr. Almeida acompanha com a vista o par, num sorriso de satisfação.

V

— Yolanda querida ! Minha bonequinha de louça !

Beija-a com ternura, faz-lhe momices como a uma criança, os dedos nervosos a tecer-lhe uma aura de caricias muito delicadas. Fita-lhe os olhos, o coração tomado de um sentimento novo. Compaixão, necessidade de amparal-a, medo de perdel-a...

Ella encara-o espantada e chora de alegria, cobrindo-o de beijos.

— Você nunca mais me tinha beijado assim, Eurico ! Você nunca me olhou assim. E eu gosto tanto, tanto de você !

Aperta-a nos braços, beija-a demoradamente na nuca para que ella não o veja tambem chorar.

— Eu já estava desconfiando que não me querias mais... Pensava que você, deputado, no meio de gente rica, não quizesse mais casar commigo. Tem tanta melindrosa chic por ahi doidinha p'ra casar com deputado... Eu, pobre de mim ! Um dia desse até sonhei...

Soluçando.

— ... sonhei que você me deixava, e eu te dava um tiro, e depois, vendo você morto, tinha uma pena tão grande, e chorava, chorava...

9.

I

O "leader" da bancada toma-lhe o braço, em direcção á sala do café. Não cogita de um discurso de estréa ? Não ? Pois a Camara espera... No Espirito Santo só se fala em seu talento oratorio. E o presidente, sempre que escreve...

Eurico sorri. Tivesse vindo da provincia para a Camara... Não ha pressa. Quando houvér occasião falará.

— Voss'cellencia quer um "mineiro" ? Prefere o moka paulista ao mineiro ?...

Na mesita ao canto da sala Eurico e o deputado Bomfim continuam a conversa. Um constrangimento de cerimonia, quasi prevenção.

— Nada mais difficil do que um discurso sem idéas, ou com idéas mas sem desagradar ao governo.

— A habilidade está em defender como suas as idéas do governo. Porque, meu caro, si não o fizermos, nossos adversarios o fazem. E adeus situação no Estado !

— Effeitos da centralização...

O "leader' não responde. Accendendo um cigarro fica ruminando qualquer pensamento.

— Nós devemos um serviço ao presidente da Republica. Chegou a nossa vez. O governo precisa rever toda essa legislação de afogadilho com que os demagogos aqui da capital cavaram votos. Uma legislação chaotica ! Teremos de corrigir os excessos, mesmo porque ha muita coisa inexequivel. Leis que, na realidade, não aproveitam ao operariado, e contêm exigencias absurdas aos industriaes. O governo pretende harmonizar os interesses do capital e do trabalho, dando a um o que fôr justo, nos limites das possibilidades do outro.

Conversa como si estivesse na tribuna. O espirito irreverente de Eurico sorri por traz do pince-nez, lá dentro dos olhos myopes.

— Sem isso não attrairemos o capital estrangeiro de que tanto precisamos como paiz novo. Um verdadeiro espantalho, a afastar de nós os que podem fundar industrias aqui, eis o que são as leis pautadas nesse nosso exagerado liberalismo...

— O nosso exagerado liberalismo ! ? O senhor acha ? Mas si nem cumprimos a palavra empenhada na conferencia de Washington... Si ainda está por votar o Codigo do Trabalho...

— Em compensação, fizemos coisa muito peor.

— Peor para os operarios, não ?

— Peor para a nação em geral, para a economia do paiz, para o capital, e consequentemen-

te para os homens do trabalho. Não esqueçamos que todo o mal feito ao capital redundará em prejuizo aos que vivem á sombra delle. Que seria dos trabalhadores si desapparecesse o capital ? Não é ?

— Conforme entendamos o capital.

O "leader" não entende a terminologia de Eurico. Mas elle insiste, meio divertido. Si considerarmos o capital uma coisa em si, quando actualmente não passa de uma relação social... Entretanto, si ao dizer capital pensamos na moeda, que póde sair de uma para outra mão, na machinaria, hoje propriedade individual como poderá vir a ser propriedade collectiva, na materia prima ou nos productos fabricados, hoje na posse de determinados individuos, amanhã possuidos pela collectividade...

— O senhor é bolchevista ?

Olhar de espanto e surpresa.

— Não. Tenha paciencia. O senhor, no seu intimo, é bolchevista. Mas não se illuda, meu amigo. Idéas absurdas ! No mundo sempre haverá desegualdade. Pois si a propria natureza...

Eurico sorri a seu modo. Sente a inutilidade da discussão. Vê no "leader" um commum bacharel em direito, convencido de sua sabedoria secular. Feliz e muito ancho dentro da ignorancia que os classicos do direito romano limitaram...

— Mas, fóra de brincadeira, o senhor é bolchevista mesmo ? Então como me fala assim ?

Pensando no seu tempo de cultura passadista, Eurico arrisca, mais como pilheria:

— Nós quando deixamos a Faculdade, doutor, não sabemos nada de sciencia economica, de sociologia experimental, não é verdade ? Leigos na materia em que nos proclamamos formados... Que dizer da dialectica néo-hegeleana ? Qual de nós sabe explicar o phenomeno da evolução pelo determinismo historico ? E, nos detalhes, nenhuma importancia ligamos á existencia das classes, ao monopolio dos meios de producção, á significação do salariato, á exploração da força-trabalho, á mais-valia, á dependencia do proletariado, á reserva dos desoccupados, á super-população relativa, á anarchia da producção, á concorrencia, ás crises, á aggravação dos antagonismos de classes e das incongruencias da organização, á concentração e centralização do capital financeiro... Todo um mundo de questões desconhecidas ou dissimuladas pelos nossos mestres.

— O dr. Negreiros quer fumar ?

— Obrigado.

— Pst ! Dá-me aqui mais um café, rapaz.

— Como lhe dizia... A nossa legislação de trabalho é um cháos, não resta duvida. O governo está na disposição de revel-a. A nossa bancada tem de dar o relator. Pensei no senhor, que é um estudioso desses problemas... Porém, vejo que o senhor tem idéas excessivamente avançadas. A menos que o senhor nos prometta conter-se, levando em conta as condições especiaes de nosso meio. A natureza não dá saltos. A situação do Brasil não permitte innovações, nem a adaptação de doutrinas exoticas. Nós a bem dizer não te-

mos operariado. Somos um paiz onde não ha miseria. Não existe para nós uma questão social.

Os dedos tamborilam na mesa.

— Quer ser o relator, dr. Negreiros ? A nossa bancada não póde negar esse serviço ao governo.

II

Yolanda, já em roupa de banho, insiste com Eurico.

— Vamos... Sem você não vou.

— Espera um pouco, filhinha.

— Está ficando tarde...

Tocam á porta do apartamento. Yolanda attende rapidamente e volta:

— E' um senhor, um velho antipathico.

— Disseste que eu estava ? Massada !

E surpreso:

— O senhor, doutor Almeida ? Faça favor de entrar... Seu chapéo...

— A demora é pouca. Vim buscal-o para um negocio da maior urgencia. Espero aqui mesmo. Ande depressa que estamos na hora de um encontro.

— Sente-se, doutor.

— Estou bem.

No interior, Yolanda amu'a-se:

— Vae sair, Eurico ? Ah ! E o nosso banho ? Diabo desse cara de cavallo ! Quem é esse burrão ? Dr. Almeida Lopes ? Esse é que é o tal de Almeida Lopes ? Sujeito mais estupido ! Chegou,

e nem bom dia. "O doutor Negreiros está ?" Me olhando com uma cara... Sáe, azar ! Não fui eu que desfiz a tua cama...

III

O dr. Almeida Lopes substituiu sua limousine ordinaria por um luxuoso, um possante carro, que elle dirige com enthusiasmo e compenetração. Eurico vae ao seu lado apreciando-lhe a pôse.

— Vamos conversar com o dr. Bomfim. Você se recusa a relatar o projecto do governo ? Pois olhe que seria uma bella opportunidade para você. Começaria entrando para a commissão de constituição e justiça. Depois, o nome ligado a uma lei...

O automovel corre pela Avenida Atlantica, batendo o rythmo de seus oito cylindros com solemnidade.

— Você deixe de tolices. Não commprometta o seu futuro. O mundo, certo ou errado, continuará a rolar como Deus quer. Passou o tempo das evangelizações, das reformas. A época é pratica. O avião e o cimento armado... Não ha logar para messias. Repare como é ridiculo, em plena civili... Oh ! diabo ! seu idiota ! Viu ? E' assim que esses imbecis morrem, atravessando a rua como basbaques. Mas dizia eu, é o cumulo do ridiculo, na situação actual de progresso, um individuo apparecer de barbas e melenas compridas, fazendo de martyr da liberdade...

— Realmente, o tempo do martyrologio passou.

— E então ?

— A época é dos que sabem vencer..

— Pois não é ?

— Sacco e Vanzetti, coitados, não deixam de ser uns retardatarios...

— Justo !

— ... depois da victoria dos trabalhadores russos.

— Ora, a Russia, a Russia ! Não acredite em informações tendenciosas espalhadas a soldo de Moscou...

— Devemos preferir as noticias espalhadas a soldo dos que temem o exemplo de Moscou, dos exploradores de todo o mundo ?

— Qual ! Você... Tome cuidado. Você está se deixando envenenar.

Atravessando o tunel, irrita-se com o obstaculo dos bondes, e os autos malucos a entrar contra a mão, em disparada. Vae pela praia de Botafogo em silencio. Muito depois, sem ter distraido:

— Na Europa explica-se essa luta. Densidade de população, falta de trabalho, "deficit" de producção, a fome, a miseria aggravada pelo rigor dos climas frios. No Brasil... Isto aqui é um paraiso. A nossa crise é de braços. Paiz de immigração, de fartura ! Aqui só não tem quem não trabalha. O operario vive feliz com a sua condição modesta. Filhos bem nutridos, a mulher ajudando-o, acostumada a trabalhar tambem. Não tem do que se queixar. Sem despesas maiores...

Mora onde quer e póde, bota collarinho ou deixa de botar e ninguem repara... Maiores preoccupações e torturas soffrem o seu patrão e os empregados do escriptorio, os intellectuaes, essas pobres victimas da classe média, obrigados a apparentar. No Brasil ? No Brasil não ha frio, não ha fome, não ha miseria. Nem nas cidades, nem no campo. No campo, então, é a abundancia, a plethora de recursos... Uma terra privilegi...

!!!... ôpa !

— "Oh ! Oh !..."

— "Péga ! péga !..."

— "Bandido !"

Um varredor de rua, testemunhando de perto o desastre, ao carro fazer a curva para entrar na Avenida Oswaldo Cruz, corre em auxilio do dr. Almeida Lopes, já rodeado de populares que o ameaçam:

— Eu vi, minha gente. O homem não tem culpa. O garotinho vinha correndo lá de dentro da villa e atravessou a rua justamente quando o automovel...

— Meu filhinho ! Ai ! meu filhinho, meu filhinho ! Meu pae do céo ! Minha nossa senhora das dôres !

Uma pobre mulher mal vestida, descalça, o cabello em desalinho. E a criança semi-nu'a, de pernas finas, sambuda, estendida junto ao passeio, um fio de sangue na testa.

Um "chauffeur" de praça, tambem testemunha de vista:

— Mas que bons freios, desse carro ! Si não

fosse isso o garoto tinha ficado em pedaços ! Espia só que riscão deu o pneu no asphalto !

IV

Toada monotona. Nem uma lagrima nos olhos seccos, encovados. E duas notas lugubres, arrancando o effeito de uma dôr immensa na repetição do mesmo intervallo musical.

— Ai ! meu filhinho ! meu filhinho ! Ai ! meu filhinho !

Suja, descalça, o cabello cortado caindo-lhe pela cara chôcha, a boca desdentada rasgando-se num golpe de soffrimento, os braços de linha batendo os nós dos punhos no peito concavo, de claviculas recurvas. Em torno, rostos compungidos. Mulheres pobres arrastando na ponta dos pés chinellos murchos e tamancos de páos muito gastos, muito roidos e finos nos calcanhares. Garotos sujos, de ar espantado. Transeuntes presos pela curiosidade.

O dr. Almeida Lopes apanha em seus braços a criança para leval-a á casa dos paes. Ninguem se lembrou ainda de chamar a Assistencia ? Eurico indaga a uma mulher:

— Onde tem telephone por aqui ?

— Só nessas casas ricas ahi ao pé.

— A senhora não poderia telephonar para a Assistencia ?

— De onde ? Ahi não deixam a gente falar... Ao senhor póde ser que deixem.

Eurico, desorientado, sáe á procura do tele-

phone. Um violento contraste ! Bem na vizinhança das villas miserrimas alinham-se palacios. Elle segue pela calçada. Esbarra a dois passos, como que numa allucinação. E' a maravilha architectonica de um rendilhado de marmores roseos. Ogivas e minaretes. Estatuas brancas destacando-se no verde do parque ajardinado. Uma sumptuosidade espectaculosa. Delirante ostentação de fausto... Conhecida a historia daquelle palacio. O capricho do herdeiro de um millionario. Suas banheiras de onyx, valendo cada uma centenas de contos, são famosas em toda a cidade.

Volta Eurico á casinhola da avenida. Na minuscula peça da entrada, uma cama de coberturas poidas. Uma mesa tosca, um tamborete, caixões por todo o mobiliario. Casas baixas, de parede meia, telheiro unico. A' feição das antigas senzalas. Um só tanque de serventia commum, á frente, no pateo. Arames com fraldas estendidas. Super-lotação nas casas de quatro commodos estreitos. Em tudo signaes de promiscuidade. A negação de hygiene.

— A senhora arranja um pedaço de panno ? Um panno qualquer para amarrar a cabecinha delle, emquanto chega a Assistencia. Uma toalha, qualquer panno limpo serve.

— Toalha não tem...

— Um panninho velho, comtanto que esteja limpo.

— Panno velho não tem não...

O medico da Assistencia reanima a criança e liquida a operação com um ponto falso. Machi-

nalmente, sem dar importancia ao caso banal. E um registro apressado. O nome da victima ? O nome, a profissão do pae ? Operario municipal ?

Dali para a policia o dr. Almeida Lopes readquire a liberdade por meio de uma fiança. A lei incommóda o menos possivel a quem tem dinheiro. Só em casos especialissimos as prisões se abrem para os ricos. A fiança é o cartão de visita da classe privilegiada.

Acompanhando o amigo em todos os atropelos do dia, Eurico observa: não ha questão social no Brasil...

10.

I

O secretario da "Folha da Manhã" não decide nada.

— Como é ? Faz-se ou não a campanha ?

Alexandre insiste, para vencer aquella irresolução. O redactor-chefe approxima-se.

— Está ahi o dr. Amaral. Pergunte a elle, dr. Queiroz.

— Tem tempo, Leão. Não amole...

O redactor-chefe interessa-se. Qual é a campanha ? Alexandre expõe. E elle chama os dois ao seu gabinete. Eurico, feito deputado, deixára a vala commum da redacção. Trabalha ao lado do dr. Amaral, que o consulta agora a proposito de tudo.

— Você sabe desse projecto contra a legislação operaria, Eurico ?

— Estive com o rascunho do Cattete para relatal-o...

Alexandre Leão olha Eurico fixamente.

— ... mas não tive coragem. E' uma monstruosidade !

— Deviamos ter dado alguma nota. Você não sabia, Queiroz ?

O secretario gagueja, timido.

— E você, Eurico, nos deixava ser furados...

— As conveniencias politicas... Os altos segredos de Estado...

Riem-se. Ha um silencio em que o dr. Amaral, a physionomia grave, tamborila com a caneta na mesa. E resolve:

— Escreva, sr. Leão, e traga-me para ver. Mas cuidado, hein ? Do ponto de vista liberal. Nada de bolchevismos... A "Folha" (entre sério e brincalhão) é um orgão burguez, e aqui só o senhor, assim mesmo emquanto não acertar na loteria, antipathiza o regimen capitalista...

II

A revelação da "Folha da Manhã" abalou o proletariado. Protestam os syndicatos. Ha "meetings" de agitação á porta das fabricas. Nos trens, nos bondes, nas casas de pasto, nas officinas, é o assumpto. A imprensa de todas as côres debate-o. A governista culpando os mashorqueiros, attribuindo aos militares revolucionarios a exploração contra a ordem e as autoridades constituidas. Affirmam artigalhões solemnes que o governo, longe de contrariar os justos interesses do operariado, procura, com o projecto impugnado pelos

opposicionistas systematicos, tornar exequiveis as leis de protecção ao trabalho.

Em conversa com Eurico, o dr. Amaral mostra-se satisfeito. Um successo jornalistico ! As edições esgotam-se. E a circulação da "Folha" andava muito por baixo...

— Até certo ponto, esse governo é o nosso melhor alliado, Eurico. Nega a amnistia aos revoltosos, aggrava a carestia da vida com o cambio baixo, provoca os operarios...

— Parece incrivel a teimosia, depois de tanta repulsa por esse projecto !

— Palavra, Eurico. Atirámos a bomba. E' da nossa profissão. Ahi está o barulho. Mas, acredite, tenho medo. A gente não póde delimitar uma explosão dessa. Quem dirá que a exaltação não vae além do que visamos ? E' preciso não esquecer que possuimos um governo de insensatos...

III

Voltando da praia num domingo de verão, Eurico recebe a carta de enveloppe tarjado, subscripto na letra da irmã.

— Luto ? De quem é, Eurico ?

— De casa.

Desinteressada, Yolanda corre ao banheiro.

Gottejando, os pés sujos de areia pregados no tapete, lê com alvoroço. E relê o final, sem comprehender, sem querer acceitar a noticia que o confrange.

"... vôvô teve um ataque e ficou tres dias e

tres noites entre a vida e a morte. Até quando perdeu a fala, falou em você e no fallecido (uma hesitação nos ll dobrados) tio padre, até ás onze horas e um quarto da manhã de antes de hontem, que entregou a alma a Nosso Senhor..."

No projector da memoria corre-lhe em sentido contrario o film da existencia. O avô sadio, forte, bem aprumado no cavallo de arreios de luxo... E quando o punha sobre os joelhos ("cavallinho ! cavallinho ! no cavallo !") e lhe contava historias da onça, historias dos negros nas senzalas, e as formaturas da Guarda Nacional, e a guerra do Paraguay... Do correntão do relogio pendia a cassuleta de ouro lavrado, com a corôa do Imperio...

O passado ! Uma certeza de desencanto. A nostalgia do poeta ingenuo forçando-lhe a garganta, dolorosamente, na saudade da infancia, a saudade de um tempo que vae longe, longe, esboroando-se os derradeiros signaes...

IV

Yolanda procura distrail-o, arrancal-o ás evocações penosas. Elle, na cadeira de balanço, olhos cerrados, fuma duzias de cigarros.

— Seu avô que edade tinha mesmo?... Hein? Oitenta e quatro ? Coitado. Não podia viver mais.

Depois dum silencio confortante para o coração dolorido, ella volta a falar. Um saque sobre o compromisso antigo. A cobrança egoistica:

— Você agora, Eurico, já póde casar commigo.

V

Annita Mazaniello, Alexandre Leão, entre operarios da vanguarda revolucionaria, no escriptorio de Eurico, discutem o combate á lei restrictiva.

— Uma gréve baita faria o governo recuar — suggere o advogado.

— Uma gréve assim não depende apenas da nossa vontade. Inda estamos tão desorganizados: Os syndicatos esqueleticos. E não temos elementos nossos, mas nossos, na Camara. A agitação seria cem vezes mais facil.

— O dr. Eurico não é nosso amigo ?

Ha nas palavras de Annita a intenção de um convite, uma censura muito subtil á neutralidade de Eurico. Elle sente a consciencia requeimada pelas duas gottas de fogo que dansam diabolicamente nos olhos della. Contrôla-se, recalca a paixão. Um sorriso tremendo-lhe nos labios, afoga a revolta que lhe inspira o projecto reaccionario.

— Que é que eu adeantaria ? O governo terá de qualquer modo o projecto. Depois, sem nenhum resultado, eu é que estaria perdido. Vocês sabem. Só me restam dois mezes de mandato. Si me incluirem de novo na chapa, si me reelegerem, então, sim. Terei tres annos por mim. Em tres annos já se faz alguma coisa. Agora qualquer attitude minha viria prejudicar o futuro.

Os trabalhadores ouvem em silencio, num ar contemplativo, o semblante indecifravel.

— Não acham ? Si vocês pudessem fazer uma bruta agitação cá fóra, uma gréve geral...

— Numa gréve geral não se fala assim com tanta facilidade.

— Ora, Alexandre. O querer é poder.

— Para os subjectivistas. Você... O diabo da mentalidade antiga... Querer é poder na lenda de Jeovah ! Nós, materialistas, não sabemos tirar mundos do cháos. Jogamos com elementos ponderaveis.

— Mas o elemento — proletariado — não existe ?

— Como exercito para a guerra de classe ? Quasi não existe. E' um corpo desarticulado, sem contacto com o cerebro. Exercito sem organização, sem intendencia, sem reabastecimento, sem armas, sem ligação com o commando.

— E não será um crime perder as opportunidades para a agitação ? Vamos metter esse exercito em fórma e disciplinal-o.

— A agitação, sim. Nós a faremos, seja como fôr. Com ou sem deputados. Até onde iremos — quem sabe ? Desejariamos ir muito longe. Mas um simples desejo não cria a realidade. Quer nos ajudar? Não póde ? Então ? Não discuto si você póde ou não. Si não póde... Vê você o que vale a nossa vontade.

— E' differente, no meu caso. A satisfação da vontade, agora, prejudicaria uma acção melhor no futuro.

— E si esse futuro não chegar ? Nós somos educados sob o salariato. Vivemos no regimen da vida apertada. Hoje temos, amanhã teremos ou não. Por isso, não deixamos escapar as opportunidades. Não adiamos para amanhã o que devia ter sido feito hontem. Deixar de fazer um pouco no presente, pensando num futuro vago, talvez distante demais... Não realizariamos nada. E vocês ainda acham que fazemos pouco, e enchem a boca de gréve geral como si falassem de uma brincadeira infantil... Esquecem que a gréve geral só está abaixo da insurreição armada, na tactica da luta de classes. Nós não lutamos pelo gosto de lutar, sem ver as probabilidades. Lutamos para vencer.

11.

I

— Eu queria que você viésse me ver toda noite, Eurico. Nós somos os noivos mais cerimoniosos do mundo. E você prefere justamente as quintas-feiras, quando a casa está assim cheia... E' horrivel !

A' luz frouxa do terraço. Chega-lhes o aroma do jardim. O sensualismo das flôres abertas á noite calida...

Elle supporta, contrafeito, o sorriso da boca enorme, de dentes aggressivos. Um beijo desenxabido, que é um choque de dentaduras.

***

No salão resôam os accordes de uma romanza. Diva Lamego, a loura perigosa que saltita toda dentro de vestidos camaradas, passa em requebros pelos noivos, luzindo-lhe uma luz maravilhosa nas pupillas azues.

O dr. Almeida Lopes tem uma lembrança:

— Amanhã, Eurico, entrará na ordem do dia o projecto do governo. Você perdeu a occasião de uma bella figura, leaderando uma questão do Cattete, batendo-se por uma causa que tem a victoria garantida.

***

— Olhe aqui: você já conseguiu se livrar da tal sujeitinha ? Trate logo de dar o fóra, que é tempo de marcarmos o dia do casamento.

Os punhos cerrados, Eurico afasta-se para não esbofeteal-o á vista dos convivas, naquelle canto do salão.

II

Os deputados opposicionistas vinham já obstruindo, para adiar a discussão do projecto contra a legislação social. Vencida essa primeira resistencia, a mesa annuncia a materia impopularizada por uma violenta campanha de imprensa.

Das galerias não se ouve nada. Assim mesmo, operarios e estudantes apertam-se lá em cima, entre guardas civis e typos suspeitos de investigadores.

— "Vae começar a inana !"

E é como si estivessem num circo. Os policiaes reclamam silencio.

Visto do alto, o recinto não dá nunca a impressão de uma assembléa em trabalho. O orador

fala para o tachygrapho e para meia duzia de collegas que o aparteiam. Por entre carteiras, grupos varios, desinteressados, palestram animadamente. O presidente, só attento para a ampulheta, é um automato repetindo as phrases regimentas.

— "Attenção ! Ha um orador na tribuna".

(A tribuna está vasia).

— "Previno ao orador que o tempo está a esgotar-se".

Lá de baixo sóbe o borborinho de feira. A canalha nas galerias, ouvindo a custo uma ou outra palavra.

— "... soberania popular..."

III

O "leader" da maioria pastoreia seu gado.

— Conto com a sua discreção, dr. Negreiros, já que não nos quiz honrar com um apoio mais decidido...

Eurico sorri, num cumprimento.

— Posso estar certo de que não combaterá o projecto, não é ?

— Farei apenas uma declaração de voto.

— Para que, doutor ? Os adversarios explorarão. Não vê como a imprensa mashorqueira tenta agitar os operarios ? Eu ainda ousaria pedir-lhe que, pelo menos, se abstivesse de votar. Providenciámos para que não falte numero. O doutor desistirá de tomar parte na votação... Promette ?

— Eu preferiria, por uma questão de consciencia...

— Mas não exigimos dos amigos que votem contra a consciencia, em casos especiaes... Eu não seria capaz... A disciplina partidaria, necessariamente rigorosa, em regra, tem as suas excepções. Mas considerando a gravidade do momento, essa fermentação de revoltas... Não lhe peço que vote a favor da lei, nem mesmo que a defenda, como seria de desejar. Insisto pela abstenção, que ainda é a maneira mais pratica e mais commoda de não hostilizar o governo... E o presidente da Republica, apaixonado nesta questão, julga hostilidade qualquer attitude que a prudencia manda evitar. Posso contar com o seu favor ? Então, muito agradecido.

O "leader" solta-lhe a mão, que apertára com força, e Eurico fica no meio do corredor, apalermado.

IV

— "... Em materia de legislação social, essa legislação chaotica, atabalhoada, confusa, inexequivel, contraria aos mais sagrados interesses collectivos e contraria aos interesses dos proprios operarios, sr. presidente, o Congresso Nacional, infelizmente, se desmandou, excedeu-se, avançou muito e muito além das reformas, já de si absurdas, ruinosas, anti-economicas, impostas á infeliz população da outr'ora opulenta Russia dos tzares, hoje levada á miseria, reduzida á fome, desorga-

nizada pelo vandalismo de mujiks incultos que são os dictadores bolchevikis dos soviets. E' lamentavel, portanto, que, reclamada pela situação uma revisão de taes abusos, o governo da Republica, sempre inspirado nos principios de equidade em que se baseia a harmonia das relações entre o capital e o trabalho, disposto a attender ao justo appello dos industriaes, escravos de leis inconstitucionaes, porque ferem o direito fundamental da propriedade — é lamentavel, dizia eu, que prezados collegas, certamente movidos pela melhor intenção, estejam perturbando a marcha de um projecto que corrige os males de effeitos tão funestos ao desenvolvimento do paiz e ao progresso da Republica. A sombra negra que as desgraças de Moscou projectam pela face da terra...

— "Dá licença para um aparte ? Combatendo o projecto em discussão, do meu ponto de vista liberal, quero accentuar que não nutro a menor sympathia pelo communismo russo, nem hostilizo as honradas classes conservadoras de minha patria".

— "Folgo com o aparte de vossa excellencia. Si o bom senso o faz um adversario do communismo, como quer vossa excellencia que perdure aqui tal situação, consagrando as nossas leis innovações ainda não concebidas nem pelos cerebros doentios da Russia vermelha ? Como quer..."

— "Não apoiado ! Nesse ponto o orador não tem razão. Está faltando á verdade".

Os olhares convergiram em panico para o outro lado da archibancada. Era o deputado Eurico

de Negreiros, apoplético, os olhos brilhando. Titubeante, sem comprehender o aparte inesperado, o orador interrompe-se. Um silencio de embaraço.

— "A que ponto vossa excellencia se refere ?"

— "A' affirmação de que a nossa legislação social é mais avançada do que a da União das Republicas dos Soviets".

— "O collega é bolcheviki ?"

— "Não vem ao caso a pergunta".

— "Defende a Russia com tanto ardor..."

— "Não defendo nada. Contesto apenas uma affirmação em falso. O governo reaccionario do Brasil, o governo agrario dos fazendeiros de café não cumpriu, siquer, a palavra empenhada na Conferencia de Washington. Até hoje não votou o Codigo do Trabalho, que ahi está encalhado nas commissões. Oito horas, salario minimo, trabalho de menores, protecção á mulher proletaria... Nada, nada. Do que existe no papel, a lei de accidentes soffre toda sorte de burla, a lei de férias motiva a confissão do patronato de que não se subordina ás leis quando as leis contrariam os seus interesses de classe"...

O presidente intervem.

— "Attenção !"

— "Peço a vossa excellencia, sr. presidente, que me restitua a palavra, expropriada pelo intrepido representante do soviet, só agora decidido a fazer a sua estréa" !...

Hilaridade. A Camara estronda numa gargalhada. Eurico sente-se o alvo de um ridiculo ful-

minante. Não sabe qual o motivo daquella reacção. Vingança do "leader" contrariado ? Medo de sua actuação ? Simples antipathia ? Mero desejo de divertirem-se, deprimindo, achincalhando ? Gargalhada interminavel. Na mesa, fazendo soar os tympanos, ri o presidente, riem sem contrôle os secretarios. Onde um tal poder de comicidade ? Ha nas grandes bancadas typos obesos, porcos humanos incapazes da mais rudimentar manifestação de intelligencia, que choram, soluçam, molhando os lenços de lagrimas e coryza, emquanto os abdomens rotundos se sacodem num riso visceral.

Isolado em meio á alegria hostil, Eurico levanta-se num impulso. E' a defesa instinctiva contra os que pretendem inutilizal-o. A sua attitude, a sua expressão de energia, o seu ar severo impressionam. Passa a tempestade do ridiculo. A assembléa estarrece. Calam-se os tympanos. O orador dá o discurso por terminado. Ha semblantes em que o riso se fossilizou, marcando a imbecilidade. Eurico vive o minuto decisivo de sua carreira politica. Um minuto de espectativa ansiosa. Paira no ar o receio de que elle incarne, realmente, o poder de forças invisiveis.

— "Pela ordem ! Peço a palavra".

V

Ao ganhar a rua, Eurico vê-se envolvido por populares que o ovacionam. Evacuadas as galerias, ficaram nas immediações da Camara os ma-

nifestantes mais exaltados, reunindo curiosos que passavam, discursando em "meetings" de improviso, acenando com punhos ameaçadores para a Casa de Tiradentes, séde de uma assembléa reaccionaria. Algumas dezenas a principio, a multidão avoluma-se mais e mais.

Eurico observa, emquanto a massa popular o carrega em triumpho, que as acclamações e os protestos são écos de seu discurso. Como as galerias o ouviram na sala sem acustica ?

— "Abaixo a affronta !"

— "Abaixo o escarneo !"

— "Gréve geral, gréve geral !"

E elle vae recordando aos poucos o que disse na tribuna, o que foi obrigado a dizer, provocado pelos oradores governistas. Escarneo... O escarneo dos que affirmam a legislação social mais avançada no Brasil dos fazendeiros do que na Russia proletaria. A affronta de um aparte, negando a questão social, negando a propria existencia de operariado "como coefficiente ponderavel na demographia brasileira". Impulsivo, Eurico soltou a idéa que fermentava. A gréve geral ! Suspendendo o trabalho nas fabricas, nas usinas, nas vias ferreas, nas companhias de navegação e nos portos, nos transportes maritimos e terrestres, em todos os serviços publicos — fazendo sentir pela privação o valor de sua actividade, o proletariado do Brasil haveria de impôr a seus inimigos e exploradores o respeito necessario. Umas tintas de theoria revolucionaria bordando essa these. O pavor na physionomia dos deputados. Depois, apartes

aggressivos, invectivas, ameaças. E a sessão suspensa num tumulto infernal.

VI

O almoço interrompido póe Yolanda de máo humor. E ella espia pelo reposteiro. Uma mulher de feições duras, cabello de fogo á la garçonne, vestindo côr de rosa, as mãos grandes em gesticulação forte, os dedos abertos, pisa o tapete com sapatões amarellos sujos de barro. Moreno, esguio, os olhos brancos movendo-se no rosto anguloso, um homem tambem desconhecido. E o tal Alexandre Leão, sujeito com quem Yolanda antipathisa. Sempre a mesma conversa em tom baixo, uma conversa infindavel que ella não comprehende, cheia de palavras sem sentido.

"... politica pequenó-burgueza... burguezia... proletariado... burguez... burguez... burguez... burgueza... hamburgueza, pombos, rolinhas, sabiás..."

Ah ! Parece até um criador de passaros... E agora aquella gasguita, muito mal vestida, tomando com Eurico umas intimidades... Diabos ! Emporcalham o tapete e as almofadas com os pés sujos de areia e de barro !

***

— A Federação não lançaria uma palavra de ordem assim tão arrojada para começar. Um deputado nosso não faria um discurso como o seu

num dia como o de hontem. A conquista de terreno ao inimigo deve ser palmo a palmo, por escaladas faceis, augmentando gradativamente a intensidade da peleja, em marcha segura. Não devemos desenvolver largas offensivas sem elementos para vencer.

— Quem não arrisca...

Nossa politica não é a do azar.

— Mas você não viu o effeito do meu discurso, Alexandre ? Essas fabricas que já hoje amanheceram em gréve...

— Pois vamos lutar. Mas você foi precipitado. Ha muito mais probabilidades contra do que a favor dessa gréve. Um jogo arriscadissimo, sobretudo, porque o momento é de defensiva. Estamos recebendo golpes tremendos. Precisamos ser calmos para uma retirada em ordem. Recuar estrategicamente até uma boa posição, e organizar com animo firme a contra-offensiva. As leis de excepção obrigam-nos a recuar á vida illegal. Em 1919 os anarchistas falharam na tactica. Sujeitaram o operariado do Rio e de S. Paulo a uma derrota de que ainda soffremos hoje as consequencias.

— Você combaterá a gréve ?

— Já agora, não. A gréve começou, e teremos de dar a ella o maior impulso. E é por isso que viemos aqui. Vamos fazer "meetings" e distribuir impressos á porta das fabricas, nos bairros operarios, nas estradas de ferro, no porto, em todos os locaes de trabalho. A policia naturalmente nos deitará a unha. Precisamos de você para abrir e

fechar esses "meetings", aproveitando as immunidades.

— Eu ir fazer "meetings" na porta das fabricas ?

— Então ?

***

Elles sáem. O almoço já frio, Yolanda está irritada.

— Diabos cacetes ! Páos, insupportaveis ! Sempre essa gente ! Você tem cada amizade...

———

12.

I

Eurico, no turbilhão da peleja, impa sob a responsabilidade que o esmaga. Fabricas de tecidos, fabricas de calçados, fabricas de chapéos, officinas metallurgicas, padarias, construcção civil — as forças do choque inicial. Nos dias immediatos, a hemiplegia da cidade aggravada por symptomas de uma paralysia completa. Automoveis de praça, omnibus, camiões, todos os vehiculos de carga... O trafego da Leopoldina interrompido, a desligar do centro vasta zona pobre, envolvendo, interessando metade da população suburbana. Para a victoria resta conquistar os trabalhadores do porto, os maritimos, os ferroviarios da Central, os dos bondes, os das usinas de energia electrica, telephones, correios, telegraphos...

II

O movimento perde o caracter de offensiva. Não decáe, á custa de um esforço heroico dos agi-

tadores. Estacionario, convulsiona-se ao primeiro rebate da derrota. E a luta da vanguarda se desenvolve para apagar do quadro negro as perspectivas desoladoras.

III

A policia solicita ao Comité de Gréve autorização de livre transito para as ambulancias da Assistencia. Mas chegam tambem as noticias das primeiras escaramuças com a tropa arm
bairros operarios a cavallaria dissolve ajuntamentos. Fabricas, locaes de trabalho defendidos por metralhadoras. Grupos de paredistas respondem ao fogo das armas automaticas com as suas ridiculas pistolas pica-páo.

IV

Prisões. A direcção do movimento passa á vida illegal. "Leaders" que agem occultos, emquanto matilhas de agentes secretos farejam seu rasto. O esforço dos "leaders" amarellos para furar a gréve. A legião dos "crumiros", os furadores. A triste escoria do proletariado, os miseraveis sem trabalho, os famintos da super-população relativa, promptos a trair seus companheiros, acceitando a qualquer preço a situação que os outros procuram melhorar. Elles marcham dentro de quadrados, succumbidos, na meia consciencia da indignidade, sob apupos e pedras dos grévistas.

Um tiroteio. Operarios feridos rolam na sargeta. E os milicianos continuam tiroteando.

Asseguram a liberdade de trabalho...

V

A maioria não dá numero para as sessões da Camara. Eurico não póde aproveitar a tribuna parlamentar na propaganda da gréve. A sua presença, entretanto, impede o funccionamento de um orgão do governo. Encalha a ordem do dia, encalham os orçamentos, encalha o projecto de legislação scelerada. Situação tambem intoleravel para os adversarios.

Isolado, combatido por todos, Eurico ainda espera vencer.

VI

Eurico chega ao estado-maior proletario. Um segundo andar em rua central, movimentada. No pavimento terreo é um armarinho. No primeiro andar uma pensão de empregados no commercio. O segundo, residencia de um vendedor ambulante. Colchões pelo soalho, na sala da frente. Ahi se acampou, fugindo á perseguição policial, o Comité de Gréve.

Alexandre Leão, José Gonçalves, presidente dos ferroviarios, Potengy, da União dos Graphicos, Annita Mazaniello, um metallurgico, um tecelão, um maritimo. Entram e sáem camaradas portadores de informações e recados. Alexandre,

sentado no colchão, escreve bilhetes para os comitês das varias industrias.

... "aproveitando o movimento de caracter espontaneo, quando mais não seja, para engrossar e fortalecer as fileiras da Federação Regional"...

VII

— Engenho de Dentro adheriu !

O emissario vem suarento, olhos em chispas, e a sua palavra reaquece o ambiente. Erguem-se todos e o cercam.

— Como foi ?

— Quem lhe disse ?

— Você viu ? E desde quando ?

Elle conta. Foi no almoço. O pessoal desde o principio estava com vontade. A's onze horas Felippe trepou-se num carro e damnou-se a falar.

— O Felippe está ficando um batuta !

Disse que o fracasso da gréve não prejudicaria sómente aos que estavam nella. Encorajaria os burguezes a retirar todas as concessões feitas aos trabalhadores. Novas leis se votariam augmentando (aqui elle bancou o verbalista...) "o peso das cadeias que pretendem o escravo moderno do salariato". O pessoal gostou. E toca a juntar gente. O pateo ficou assim, apertadinho. Nisso, um gritou: "larga !" — e a negrada encheu: "larga ! larga !"... Saiu tudo p'ra fóra, p'r'o lado da estação, gritando, assobiando, num barulho dos seiscentos diabos.

— E o trafego ?

— Do trafego não sei. O Felippe não faz muita fé. A directoria tem espião á bessa, e basta um machinista ou um guarda-freio falar na gréve p'ra ser logo mandado p'ra Policia Central...

VIII

E' preciso auxiliar o Felippe na conquista da Central do Brasil. O presidente dos ferroviarios, José Gonçalves, não póde apparecer. A policia fareja.

Annita sáe com Eurico, á noite, para o suburbio. As immunidades o garantem, mas a sua presença num grupo revelaria ás autoridades o fóco da agitação. Elle vae com a operaria, disfarçadamente, de bonde. Estreitando a camaradagem.

IX

Encontros, confabulações, contrôle da distribuição de boletins, ligação com os elementos da Barra, de Engenho de Dentro, de S. Diogo, de D. Pedro II, contacto com o Comité de Gréve...

Trabalho estafante, sem a verificação immediata dos resultados. Um dia de fadiga muscular, de superexcitação nervosa.

X

— ... "a guerra ao capital precisa de capital"...

Felippe é um proletario energico, intelligente, activo, de decisão prompta. Semi-analphabeto, sabe aproveitar bem, por instincto, a pequena cultura revolucionaria feita na imprensa de classe. Commanda sem hesitação, applicando as maximas que repete emphaticamente.

— ... "para Napoleão os tres factores principaes de uma victoria eram dinheiro, dinheiro e mais dinheiro. Na guerra de classe, como na guerra militar, o dinheiro"...

E' do que se resente o movimento. Falta de dinheiro. Não teria sido um crime arrastar a massa obreira á luta sem um fundo de reserva ? No lar miseravel dos grévistas a fome entrou a fazer escaramuças. A agitação e a propaganda soffrem com a carencia de recursos financeiros. Esforça-se o Comité de Gréve para remediar a crise. Eurico empenha os subsidios do ultimo mez de mandato.

XI

O terror policial. Prisões, prisões, prisões... Mas a gréve continua firme. O trafego da Central diminue. Machinistas e foguistas da Armada supprem as faltas. E as locomotivas possantes arrastam-se a medo, apalpando as linhas. Comboios sem horario são atacados a pedra. Passageiros cansados de esperar fraternizam com os grévistas. Soldados guarnecem os trens.

XII

Eurico pernoita no barracão humilde. Seria uma imprudencia descer ao centro da cidade para voltar muito cedo, no dia seguinte, "acampanado" por secretas.

XIII

— Aguenta firme, doutor ! A vida do pobre não é canja...

Annita improvisa um jantar de muita parcimonia. O feijão levanta a fervura, borbulhante, na lata que finge de panella ao fogareiro sempre atiçado.

— Quer descascar essas batatinhas p'ra mim ?... Eh ! sem geito mandou lembrança. Deputado só presta mesmo p'ra dar com a lingua...

— Quem sabe ?

Um olhar malicioso de Eurico arranca faiscas aos olhos claros e ingenuos da operaria. E ella continua no arranjo do jantar. Silencio. Quando passa deante do lampeão de kerozene uma sombra immensa projecta-se a sarabandear nas paredes e no tecto do barracão.

XIV

Volta do chuveiro, num vestidinho limpo, o cabello fulvo mareado, o rosto a gottejar. Cheirando a sabão de côco...

Jantam sobre a toalha de algodão, um luxo, uma excepcional homenagem ao hospede, ao companheiro identificado naquelles dias de luta braba.

XV

— Bonito ! Hein ? Aquella massa cantando pela rua...

... "De pé, de pé, não mais senhores !
Si nada somos em tal mundo..."

— Havemos de vencer, Annita !

— Si não agora, algum dia...

— Porque não agora, o mais breve possivel ?

— 'tivesse na nossa vontade... Eu por mim dava sem pena a vida.

Calam-se, emocionados. Eurico passa-lhe a mão pelas costas, aperta-lhe o hombro, chamando-a a si. Um cheiro pobre de sabão de côco. Ella absorta, o olhar parado. Insensivel, alheia ao ambiente. Sonhadora.

XVI

— Você vive só aqui, Annita ? Seu pae ? Seu irmãozinho ? Suas irmãs ?

— Tudo espalhado. Pobre tem familia ? !

— Você nunca pensou em casar ?

Ella sorri. Nos labios, uma expressão de infinito desprezo. Casar ? Para ser escrava de um companheiro mais bruto ? Noutros tempos, ambicionava um pequeno conforto burguez, uma casinhola de tijolo bem limpinha, cama de casal vis-

tosa, um toilette cheio de porcarias, sala de jantar com armario e louça bonita, na cozinha panellas e caçarolas penduradas em prateleiras com papel de côr... Marido com bom ordenado e ella só cuidando dos filhos... A ambição do captiveiro de corpo e de pensamentos. Pedir licença ao companheiro egoista até p'ra botar a cabeça na janella e espiar o mundo... Prohibida de entrar e sair á hora que quizesse, prohibida de pensar differente delle, prohibida de conversar com os outros camaradas, de andar ao lado delles, de trabalhar com elles pela victoria da classe... Prohibida de tudo. E elle, so exigente, mas sem ligar á tola, abusando da liberdade, fazendo o que lhe viésse ás ventas, emporcalhando-se com gente de toda laia...

— Passo !

— Onde aprendeu você isso ?

— Me julgava mais ignorante ? Homem faz sempre pouco caso de mulher... Mesmo o homem revolucionario ! Vocês 'tão de accordo p'ra derrubar o senhor lá fóra, na rua. Mas é uma dôr de cabeça p'ro senhor cair tambem dentro de casa...

"...De pé, de pé, não mais senhores !..."

— E si você encontrasse um companheiro camarada ?

— Ia experimentar si a escripta dava certo.

— Feliz, satisfeita, sem medo de o perder ?

— Ué ! Perder o que ? Perder elle ? Só tem medo de perder um homem a desgraçada que não sabe trabalhar. Essa aguenta o diabo. Não p'ra segurar o marido, que quando elles desembestam,

desembestam mesmo... P'ra segurar o emprego. Com muito grito, muito desafôro, pouco caso, bordoada ! Pouca vergonha... Vá dizer isso a uma melindrosa... Responde logo que somos contra a familia. Familia... Os ricos 'tão ahi com amantes e mais amantes. Descasam aqui e vão casar de novo no Uruguay. A mulher de um foge com o marido da outra... Dizem depois que nós 'tamos querendo acabar com a familia. Vê lá si pobre póde ter luxo ! Cadê a familia de meu pae ?

XVII

— Quer viver commigo, Annita ?

— 'tá louco !

— Você é uma mulher linda, uma mulher intelligente ! Você é um diamante que deve ser lapidado ! Você...

— Devagar... E as outras ? As melindrosas? Não vê que você troca por mim tanta burguezinha chic... Quantos dias ?

Olhos que se humedecem. A pelle maltratada avelluda-se. Narinas offegantes, labios entreabrindo-se para um beijo mordicado...

13.

I

Eurico percorre os bairros operarios. Semblantes de fadiga e desanimo. Rostos macerados. Homens sentados aos batentes, abraçando os joelhos, uma expressão de odio impotente fixa no olhar.

Na esquina, a patrulha de cavallaria. Cavallos gordos, o pello reluzente a tremer sob a cocega das moscas, as patas firmes no calçamento de pedras irregulares. E os soldados, pela cara filhos de trabalhadores, antigos trabalhadores, futuros trabalhadores, montam guarda á monotonia da vida parada.

— Só quero ver até onde vae essa maluquice...

Uma velha resmungona.

Eurico approxima-se, e é outra mulher rodeada de crianças famelicas e sujas que fala:

— Isso não póde continuar. 'tamos limpos que nem buraco de cobra !

— Cala a boca, mulher !

Intervem uma operaria sacudida.

— Desgraça pouca é bobagem. Agora é aguentar a mão. Diabo duma choradeira ! Parece que tem defunto em casa. Por isso é que o patrão não liga...

— Lá vem a cavallaria !

— Arréda, meu povo !

II

Eurico tenta ainda uma vez communicar-se com Yolanda. E a telephonista:

— "Não respondem..."

III

A "Folha da Manhã", o ultimo jornal a animar a gréve, recuou para o simples registro dos factos. As noticias fôram perdendo espaço e côr. Voaram da primeira para as ultimas paginas. Um cantinho de columna, tres linhas. "Não soffreu alteração no dia de hontem o movimento paredista, que, entretanto, tende a declinar".

Eurico vae ao dr. Amaral.

— Que quer você, caboclo? Não posso levar a "Folha" á garra por causa de seus operarios.

— Mas não foi a "Folha" que promoveu a agitação ?

— Mas não foi a "Folha", foi você, quem os incitou a essa gréve sem fim.

— Ora, para a "Folha" ser logica, ser consequente...

— Qual logica nem consequencia ! Logica ?

A nossa logica é a dos annuncios. E a consequencia da campanha, si proseguissemos...

— Isso é uma vergonha !

— Eu não lhe engano, sou sincero, meu velho. Os annunciantes são contra essa gréve despropositada.

— Despropositada ! ?

— São contra, acabou-se. O grande publico já está cansado, tambem...

— O grande publico ! Isso é uma traição.

— Traição ? Quem lhe disse que somos bolchevistas ?

— Bolchevista, bolchevista... Fique certo de que vou desmascaral-o, amanhã, na Camara.

— Faz bem. Nós estavamos ficando muito suspeitos nos meios officiaes.

— O publico, o seu grande publico ha de conhecel-os melhor !

— O publico não lê o "Diario do Congresso"... Bobagem.

IV

O apartamento deserto. Moveis empoeirados. Por tudo o abandono.

De Yolanda ha no banheiro apenas os chinellos murchos, com um ar nostalgico.

Sensação de vasio. Eurico não comprehende a ausencia sem um aviso, sem um recado.

Yolanda — curioso phenomeno ! — tornou-se um complemento de sua vida. Que falta que ella faz...

V

Solemnissimo o dr. Almeida Lopes. Junto, mastigando um charuto, mister Brown.

— O senhor, dr. Eurico, traiu a nossa confiança.

— Como diz ?

Erguendo-se, o velho jurisconsulto repete com emphase:

— Traiu a nossa confiança !

Eurico olha-os em silencio. Mister Brown concerta attentamente o charuto desenrolado. O dr. Almeida passeia no gabinete.

— Mas então...

— Pois é. Só lamento não o ter conhecido melhor. O senhor... Não direi que seja um canalha...

— Como ? !

— Oh ! no, no... Dóctor êgzagera.

— ... mas é um desequilibrado.

Uma correria pelo sangue de Eurico, um tropel de instinctos hereditarios. Relampagos do temperamento criminal. A gratidão, que tambem é uma força atavica, predomina, recalcando os pensamentos em tumulto.

— O senhor, que me deve tanto, que me deve tudo, responde agora pelo maior desastre de minha carreira. O prejuizo de terceiros, confiados em mim, prejuizo, talvez, irreparavel, monta a uma somma fabulosa. A mim, a sua inconsciencia derrotou. Sou um homem arrazado.

— Não haveria ainda... um recurso ?

E arrepende-se immediatamente, irritado com essa manifestação de covardia.

— Agora ? Muito obrigado ! Continue a servir á canalha. Não gosta tanto do vivorio e das palmas ?

Eurico sáe com a impressão de haver rasgado um capitulo de sua vida. As recepções no palacete da Tijuca, o noivado...

VI

Os jornaes irritam:

"Dia a dia vae melhorando o restabelecimento do trafego na Leopoldina. Hontem a direcção da estrada conseguiu augmentar ainda o numero de trens de pequeno percurso. Com a intervenção dos foguistas e machinistas da Armada, gentilmente cedidos pelo sr. almirante ministro da Marinha á companhia ingleza, póde-se considerar virtualmente fracassada a tentativa de gréve geral".

VII

— "Allô ! E' o deputado Eurico ? Olhe aqui. A camarada Annita manda avisar que foi presa..."

— Allô ! Allô !

— ...

— Allô !...

— "Telephonista ?"

— Minha senhora ! A senhora cortou a ligação... Não sei o numero, bolas !

VIII

O delegado auxiliar é um homem tigre. Boca recortada á bull-dog. Expressão inilludivel de ferocidade.

Acolhe Eurico num sorriso hostil, mostrando-lhe caninos ponteagudos. A tecelã Annita Mazaniello ? Conhece-a, pois não. Muito conhecida... Famosa desordeira. A policia, até, certa de que ella é italiana, está mesmo para expulsal-a como indesejavel, apenas a encontre...

— Mas si me informam que ella foi presa, doutor...

— Por mim, não.

— Por quem, nesse caso ?

— Ignoro.

E desmancha-se em amabilidades aggressivas.

IX

Uma conferencia com os ministros do Interior e da Viação. Eurico vae em companhia do "leader" governista. O formalismo, para impressionar:

— Responsavel pela manutenção da ordem, acabo de declarar ao sr. presidente da Republica, virtualmente suffocada a greve...

Eurico interrompe o ministro. Como assim ? A gréve continua !

— Digo suffocada virtualmente. Para a volta de todos ao trabalho falta pouco. Seria prolongar inutilmente um sacrificio penoso. Desejaria o governo que o senhor proprio, no interesse dessa pobre gente, aconselhasse...

— Em que condições ?

Os figurões sorriem, entreolhando-se. Condições ? Dita condições o vencedor. Não sendo vencido, o governo repelle qualquer condição. Eurico tenta levantar-se, e é o "leader" quem o retem:

— Afinal, o governo ignora as pretenções dos grévistas...

— Oh ! Exigem a retirada do projecto...

— Perdão ! Collocados fóra da lei não podem exigir nada.

— Fóra da lei ? Proscreve-se, então, o direito de gréve ?

— O governo considera-os fóra da lei. Pelo menos quanto aos trabalhadores das estradas de ferro, subordinados ao meu ministerio, só serão levadas em conta as suas reclamações depois que retomarem o trabalho, numa attitude de respeito, de acatamento, numa attitude de submissão ás autoridades constituidas.

No processo da vontade de Eurico fermenta a hesitação.

X

O discurso de Eurico na Camara não póde ser o commando para uma retirada em ordem. Sáe inesperadamente, a vanguarda proletaria ainda na acção, encorajando a massa a proseguir. Nas camadas inconscientes repercute como um grito de desespero.

— "Corre ! Fóge, meu povo ! Estamos perdidos !"

Os portões das fabricas devoram a multidão espavorida, tocada pelo relho do panico. E os ultimos combatentes resistem num esforço de titans. Meteoros abrindo laivos no horizonte negro. Relampagos de heroismo aureolando a tragedia do naufragio.

A cavallaria galopa nos quarteirões industriaes. O rythmo da prepotencia. Terrorismo policial. A ameaça do abuso da força.

E a cavallaria matraca, matraca...

XI

A policia não explica. Nem o sobre-aviso, nem a fiscalização mais rigorosa...

Tocava uma banda de musica em retreta. Natural, pois, o ajuntamento. Quando os investigadores desconfiaram era tarde.

Massa volumosa que augmenta de minuto a minuto. O jardim da Gloria é um formidavel centro de concentração. Os extremos guarnecidos por operarios em attitude hostil. A menor inter-

venção das autoridades precipitará o conflicto. Preferindo evitar o choque — o chefe de policia diz "a effusão de sangue" — appella o governo ainda para Eurico. Só elle conseguirá fazer aquella gente retirar pacificamente, em ordem.

XII

Eurico chega num carro official. A multidão agita-se por sobre os canteiros, espalhando-se pelo terreno conquistado ao mar. Oradores improvisados reclamam a liberdade dos camaradas presos. Do coreto abandonado pelos musicos, um lembra que o Cattete é perto. Eurico reconhece-o e reconhece os que o cercam. E' o pessoal das fabricas de Laranjeiras e da Gavea que desceu. Engrossam-n'o elementos de outras profissões, talvez não prevenidos, nem grévistas, mesmo.

— "Vamos exigir do presidente da Republica, vamos exigir do governo, dessa commissão executiva da burguezia, mais respeito á consciencia proletaria !"

A multidão freme em torno, electrizada.

— "Ao Cattete ! Ao Cattete !"

Eurico trepa-se á capota arreada do automovel e grita-lhes:

— Camaradas !

Um silencio rapido, curto. E o murmurio recomeça. A massa formidavel consulta-se a si propria.

— "E' Eurico".

— "Eurico !"

— "Eurico !"

— "Vamos ao Cattete, Eurico !"

Palmas timidas, logo abafadas por um psiu ! psiu ! aterrador. Silencio. Olhos attentos, respirações interrompidas.

— "Fala, Eurico !"

— "Psiu ! Psiu !..."

— Camaradas...

Sente-se incapaz. A cabeça é uma caixa de onde se escaparam as idéas.

— Camaradas... Eu ousaria, dada a situação, aconselhal-os...

— "Virou conselheiro !..."

— "Psi-i-i-iu !"

— Camaradas. Sejamos frios na observação dos factos. Uma retirada em ordem para a preparação de novas offensivas, sem duvida valerá mais do que a derrota esmagadora...

— "Tra-i-dor !"

Um redemoinho na multidão. Traidor ! Um latego estalando sobre as cabeças.

— "Olha o carro em que elle está ! Carro da policia !"

Passa uma pedra sibilando. Outra, e muitas mais.

"Bôff !"

Junto a Eurico, o delegado leva a mão á boca num gemido. Partiram-lhe os dentes, arrebentaram-lhe os beiços. O sangue põe-lhe manchas escuras na roupa branca. Fóge o automovel, numa arrancada por entre a turba, defendido por agentes que atiram de revólver.

Adeante Eurico vê a soldadesca estendendo-se em linha para o assalto, as carabinas em posição de fogo. Pipocam os primeiros tiros. As descargas ameudam.

14.

I

O quarto de pensão barata. Reconciliação dolorosa com a cama de todo mundo, e o toilette de espelho caricaturista, e o jarro, e a bacia de pó de pedra, e o balde com feridas negras na epiderme de agate, e o tapete em farrapos, e o chão sujo...

Ali está o café com leite ralo. Um sorriso de sarcasmo no pãozinho aberto ao meio.

Eurico não se revolta porque sua alma naufragou na resignação.

A chuva bate na vidraça, alagando a paisagem, encharcando o mundo lá fóra. E elle recolhe-se ao fundo de si mesmo e pensa. Viaja para traz, para traz... Longa e penosa viagem pela alameda triste das recordações.

II

... Quinta-feira. Dia das recepções. O salão resplandescente dos Almeidas Lopes cheio de gen-

te requintada. Ao piano, as mãos de artista de Diva Lamego acariciando o teclado. Romantica... A maravilha dos seus olhos azues illuminados ! Delicioso contraste, o de sua voz macia, do seu gosto, das suas preferencias musicaes, e o seu todo de melindrosa modernista que dansa o tango colladinha, e bamboleia, e saltita, dentro de pouca roupa, num charleston. O pae enriqueceu fabricando apparelhos hygienicos. A malicia das trepações baptisou-a "Mlle. Porcellana". Mas que importa, si ella é mesmo um pedaço !

III

... Lucinette, sim, uma creaturazinha feia. No emtanto deixou no coração de Eurico uma reminiscencia de meiguice, de bondade...

IV

... Mulheres ! E o pensamento trefego rola para Yolanda. Yolanda... Olha em torno e sente o quarto vasio, o leito desconsolado. Yolanda... Um frio humido penetra-lhe os ossos. Frio ? A memoria supplicia-o. Um pé vulgar divinisado pela exaltação dos sentidos... Beijava-o. Uma tentação, o tornozello fino... A carne dura da perna bem talhada... Curvas, ondulações... Corpo velbutinico, epiderme cariciosa... Conchego morno de um ninho. Yolanda ! Odeia-a. Um desejo sadico de envolvel-a em carinhos e estrangulal-a.

Uma vontade louca de possuil-a, depois que ella se foi para nunca mais.

V

... Mulheres. Annita Mazaniello, branca, linhas energicas, o tronco esbelto e forte, plasmado na gymnastica do trabalho. Insaciavel num amor quasi sportivo, numa sensualidade medida, equilibrada, consciente, fria. Annita... Elle imagina-a no xadrez, entre ébrias, vagabundas, ladras... Defronte, a prisão dos homens, que um corredor separa. Malandros em pello por traz das grades. Obscenos, depravados, na exhibição a que a tara os força para um derivativo. E uma preta embriagada — aquella preta que elle viu um dia — gritando palavrões contra o promptidão e o commissario.

— "Bando de pestes ! Vão tomar banho !"

VI

Mulheres, mulheres... Annita, Yolanda, Lucinette, d. Lucia, Diva Lamego... Tantas ! Um mundo de seducções... Miragens.

Guiomar, a prima dos olhos de amendôa. Guiomar passa-lhe pela imaginação ao braço do marido, Edson Nolasco, o burroide, o grosseirão, estudante chronico de engenharia... Nos olhos de Guiomar ha uma promessa de paz.

Paz ! A paz interior dos ignorantes. A paz interior dos imbecis. A saudade da prima é um

convite para o regresso á vida bucolica... O engenho... Um refugio no isolamento do resto do mundo.

A chuva bate na vidraça. E elle vae pela alameda triste das recordações.

VII

Pára, abstracto, deante de uma vitrine illuminada. Um rosto marcado pelo soffrimento assusta-se junto, ao encaral-o.

— Doutor !

— D. Julia !

Ha no chapéo novo e no vestido de sêda preta um attestado de progresso.

— Então, d. Julia ?

— Como vae o doutor ?...

— Que é feito da senhora ?

— Eu ?... Estou lá com ella.

— Com ella, com Yolanda ?

A velha baixa a cabeça. As palpebras cáem-lhe, envergonhadas.

— Que fazer ? E' minha filha. O homem, ciumento, obrigou a me chamar p'ra casa... Pr'eu botar sentido, não sabe ? Um bom homem. Vae lá uma vez na semana. Aquillo parece mais um pae. Mas, ciumento !...

Eurico vence o despeito para perguntar:

— Como se chama elle ?

— Ué ! E o senhor não sabe ? E' o dr. Almeida Lopes.

VIII

Parlamentar com o subsidio empenhado, politico sem prestigio, mal com o governo, mal com a opposição, Eurico deserta da Camara. As sessões de fim de anno decorrem na monotonia dos discursos obstruccionistas e das longas votações da materia orçamentaria. A indifferença pelo companheiro que afundou... O esquecimento immediato pesando sobre a agitação, afinal amortecida.

Na imprensa, é um desilludido. Escreve mecanicamente, burocraticamente, sem estimulo, sem enthusiasmo. A vida continua vertiginosa, os factos succedendo-se, sobrepondo-se no interesse e na curiosidade do publico.

IX

Eurico sáe sem destino pelas ruas, pelas avenidas de arranha-céos, acotovellando-se na multidão, onde não descobre um unico semblante amigo. E pelos passeios interminaveis a multidão marcha, marcha, marcha, marcha, sob a maldição ashaverica. O tumulto. Machinas trepidantes em disparada. Klaxons. Businas. O ranger de rodas pesadissimas nos trilhos. Silvos longinquos das fabricas. Sirenes em ataques de hysterismo. Bruhaha. E a multidão que marcha, marcha, marcha, marcha sem parar, marcha sem vontade propria, marcha canalizada para o matadouro industrialista.

Os pés do homem-desencanto marcam o mesmo rythmo da multidão indifferente que passa. E o levam para longe, longe, e entram pelo portão de um parque fechado, e reclamam o repouso á vista do banco morno, ainda batido pela nesga de sol que arvores seculares côam, abafando lá dentro o ruido exterior.

Alamedas brancas voluteiam preguiçosamente. O lago parado mente á ingenuidade dos cysnes, que se abysmam á profundeza do azul, plagiada do céo. O olhar estende-se pelo gramado além, pelo arvoredo circumdante... A tarde vae caindo melancolicamente. A passarada chilreia, wagneriana, estylizando o leit-motiv da nostalgia.

Oh ! a mão estranguladora da saudade... E os passaros, as arvores, as cotias que vêm aos pares desedentar-se no lago, o panorama de contornos amaveis, tudo é um convite ao regresso, uma seducção do bucolismo perdido lá nas brenhas da terra natal.

Um smorzando de luz e de sons. A saudade envolvente esbate as figuras. Sombras crepusculares. Alheia-se do mundo objectivo na contemplação interior. Desalenta-se. E' um retardatario. Chegou tres seculos depois da época ideal para seu temperamento. Quer o milagre de um retrocesso no tempo, em relação ao espaço. Avançamos para o futuro ou recuamos para o passado conforme nos deslocamos do logar. E elle, o homem-duvida, o homem-hesitação, o homem-pendulo, seduzido um minuto pelos tons rubros do levante, sente-se agora alarmado, roda nos calcanhares, so-

nhando a paz medieval em que formou o espirito, na ambição de esquecer tudo, tudo quanto a éra vertiginosa lhe ensinou. Voltar ao campo, voltar á vida ingenua do interior...

. Os fócos electricos. O parque inunda-se de luz. Eurico ergue-se num deslumbramento, estremunhado. Um desejo obsedante o empolga. Fugir, fugir...

SEGUNDA PARTE

Do Lado de Ládo Bucolismo...

1.

I

A linha do horizonte, separando céo e mar, é um poema de melancolia. Sóbe e desce o navio costeiro, o tombadilho deserto, as cadeiras de viagem abandonadas. Eurico, reclinado na chaise-longue, o livro esquecido na perna, olha sem ver o oceano immenso. Retorna, abatido, pela esteira ondulante em que viéra semeando esperanças. Retorna como um venci , ao léo da sorte, bordejando sobre uma vida sem interesse, num relaxamento de todas as energias, frouxa a vontade.

A tarde cáe, merencoria. E á meia luz do crepusculo um passageiro approxima-se, com ar mysterioso.

— Perdôe a curiosidade. Mas... o senhor é o deputado Negreiros. Bem o reconheci, desde que saimos do Rio... Sou um seu admirador.

Eurico envolve no seu vago olhar de fadiga aquelle estranho admirador. Um sorriso amargalhe os cantos da boca, a mão entre ambas as mãos

febris do desconhecido, que a aperta com enthusiasmo.

— Vae ao su Estado, doutor ? A passeio ? Repousar, não ?

Um silencio, em que o estranho o encara enternecido, emocionado. Olhos encovados, uma luz esquisita, a chamma de alguma paixão mystica lampejando-lhe lá dentro das orbitas profundas. Rosto macillento de quem soffreu. Depois, uma eloquencia doentia, um cascatear de phrases arredondadas, sob a pressão de uma idéa avassaladora. Os destinos da nacionalidade... A victoria do povo... A quéda do absolutismo...

— Nossa causa ha de triumphar, doutor !

Eurico olha-o desconsolado, porque é já agora um homem indifferente a todas as causas.

— Ha de triumphar, creia ! A tyrannia tem os dias contados. Talvez não diga bem a *nossa* causa, pois as suas idéas são mais avançadas do que as minhas...

Eurico a olhal-o desconsolado...

— ... mas, seja como fôr, o primeiro passo para uma vida nova teremos de dar muito breve com o advento de um regimen verdadeiramente democratico, da democracia consequente, inspirada na vontade livre de um povo soberano !

Em extase, offegante. Puxa a cadeira mais para perto e monologa, os olhos semi-cerrados. Poucas estrellas pontilham a meia treva do céo e do mar.

— Tenho soffrido, temos soffrido, e muito. Mas que importa ! Resta-nos o consolo do des-

prendimento, a satisfação intima do dever cumprido, sacrifiquem-se embora os mesquinhos interesses individuas. Eu, por mim... Ah ! que ainda não me dei a conhecer... Sou Euphraseo Nathan dos Santos. Por mim, abandonei uma comarca, deixei com meus velhos paes a mulher e cinco filhos, para lutar pelo nosso ideal. Em vinte e quatro horas, o juiz se transformava em mais um soldado da columna invicta ! Batalhei. Combati em duras refregas com os mercenarios. Invadiamos o Maranhão, quando cai prisioneiro, numa emboscada. Cheguei a fugir. Errei pelo Nordeste, tentando nova ligação. Identificado como official do exercito libertador, fui novamente preso. Desterraram-me para o Oyapock. De lá voltei, a saude combalida, a vida por um fio. Cada vez mais, porém, disposto a lutar pela victoria da causa ! Representação e justiça !

Eurico indaga de si para si quem será o doente: si elle, o apathico, sem receptividade para a communicação de um enthusiasmo, si aquelle temperamento passional.

II

O trem marcha penosamente, linha acima. De um lado o abysmo, do outro lado a serra e a matta.

O rio saltitante no leito de pedras. A cachoeira acenando-lhe, lá de longe, com o lenço branco na quéda d'agua. Ranchos de palha. Um engenho velho, a casa grande em decadencia. Bois mansos

a olhar indifferente o comboio que passa. Cannaviaes. A caboclinha de semblante espantadiço, tangendo cabras. Meninos trepados ás cercas assoviam, gritam, numa rapida algazarra.

— "Eêêêh ! Vapô ! Diacho !..."

Oh ! o panorama familiar que lhe sorri ! A terra, a sua terra humilde, pobre, abandonada ! O seu mundo que o revê com alegria e lhe abre carinhosamente os braços.

III

Commove-o, na meia luz do lampeão de vidros baços, a visão da plataforma antiga. O contraste com o dia da partida, cheio de esperanças... Os mesmos gritos dos carregadores. E as ruas tortas, mal alumiadas por lamparinas electricas piscando nas esquinas distantes...

O ambicionado recuo no tempo ! Eurico sente-se o estudante em férias. Do alto da rua Direita descortina a feira nocturna de uma festa no pateo da Matriz. O borborinho, a flauta de Patapio num gramophone, o realejo preguiçoso entontecendo creanças e marmanjos no carroussel, o réco-réco da roda dos bichos, o chocalhar do "bozó"... Mais proximo, um cégo lamuriento:

"Meus irmãos da caridade !...
Fi'os da virgem Maria !..."

IV

A sala do tio Philomeno abre as janellas para a curiosidade dos matutos. Cadeiras enfeitadas de

rendas e laçarotes. O piano aberto. Mocinhas garrulas, a rodopiar.

Eurico bate palmas e uma senhora gravida, redonda, num casacão discreto, arrasta-se pelo corredor até á porta.

— E' você ?...

O sorriso de Guiomar denuncia-se naquelle todo de mãe de familia, acolhendo-o com a sua effusão timida, agora embaraçada num vexame que ella não sabe disfarçar.

Na sala de jantar, ambienta-se rapidamente. O tio Philomeno aperta-o com enthusiasmo, em repetidos abraços. E tia Mariquinhas passa-lhe a mão tremula pelos cabellos, enternecida.

— Parece que foi hontem, você pequeno, brincando com Guiomar... Lembra-se do soldadinho de corda ?... E do "Bilontra" ?

— Inda vive o "Bilontra" ?

— Morreu de velho, coitado, as orelhas roidas...

O gato soffredor, victima das travessuras... Os brinquedos... A Guiomar daquelle tempo...

No fundo da sala, em torno della, que lhes dá a ceia — tão mimosa, tão bonita que ainda está Guiomar, feita uma Nossa Senhora da Procreação ! — quatro cabecinhas louras. Os seus filhinhos... Os filhos de Edson Nolasco.

V

Ceia de festa. Uma revista de bolos paramentados de papel de côr. O queijo "palmira" na de-

monstração obrigatoria. Passas e figos na pyramide, enfeitando. Parentes e amigos intimos. Interesse, curiosidade pela vida mysteriosa da capital. E os calculos do juiz de direito, que não quer ficar por baixo:

— Deve estar muito grande o Rio ! Grande e differente... Deve ter progredido muito. Muito ! Imaginem que no meu tempo...

Edson Nolasco, forte, robicundo, transpirando numa roupa branca dura e lustrosa, intervem:

— Não parece incrivel que eu ainda não tenha ido ao Rio ?

Ao seu lado, Guiomar sorve o chá desenxabido, o chá excepcional das festas, baixando as palpebras em sobresalto quando o seu olhar encontra o olhar de Eurico. E a memoria de Eurico tacteia á procura do passado...

I

Acorda sonhando. Uma cama assim... Os moveis do quarto, as paredes brancas de cal, levantadas até ao meio da altura do tecto, e o tecto de telha vã lá em cima, alto, alto, subindo para a cumieira, sem forro... Acorda sorrindo como na infancia.

De fóra vem o tenir de metaes, o arrastar de estribos e arreios na calçada, a conversa mansa, cansada, preguiçosa dos "portadores". E Guiomar bate-lhe á porta do quarto, reatando a intimidade de outros tempos:

— "A conducção chegou, Eurico !"

A melodia daquelle sutaque tão doce...

II

— Olá, Mané Cabôco !

— Seu doutô...

— Chico Velho, nêgo ruim ! Não morreu ainda, Chico Velho ?

— Nóis véve inté quando noss'sinhô qué, menin'...

Envolve-os Eurico num olhar de meiga sympathia. O negro velho, pagem de tres gerações na mesma familia, dedicado, fiel, mas sem grandes expansões de affecto, no tratamento secco, prevenido, do antigo escravo para com o senhor moço. Mané Cabôco, o sertanejo avermelhado, guardando nos olhos claros a lembrança dos hollandezes que se foram ha tres seculos. Cavallos dormentes, a cochilar, a pelle tremendo sob a impertinencia das moscas.

III

A estrada faz uma curva pelo pé da serra e entra na bôca da matta.

A matta !

Eurico solta as rédeas, estira as pernas em que pesam as botas negras com esporas de nickel reluzente.

Sim, é a matta.

O colosso verde assaltou a garganta profunda do valle, alongou-se pelas encostas, dominou as montanhas num amphitheatro gigantesco. Abobadas immensuraveis são ondas do grande mar de folhas, pontilhado pelas ardentias do páo d'arco, a arvore de ouro. No primeiro plano, antes que tudo se confunda na mancha escura batida pelo sol, resalta o arrojo de um pininga, fugindo á mediocridade das especies, alçando-se, esguio, a

prumo, para abrir lá no alto a sua cópa esgarçada, na volupia do ar e da luz. E uma pindoba esvelta, soberba, outra privilegiada no porte, balouçando o seu leque de palmas — a odalisca sensual que alguma bruxa encantou.

Vae a passo e passo o cavallo. Distanciado dos pagens, Eurico penetra na sombra. A epiderme gozando a suave caricia da penumbra... Os olhos sorrindo para as florinhas que atapetam a margem do caminho. Mal-me-queres, boninas, sambacaitás, malicias... Um envolvente perfume. E a musica da floresta... Uma atmosphera sonora, na estylização debussyana dos passaros, dos insectos, do vento que vôa murmuro por sobre a folhagem, dos estallidos mysteriosos, lamurias incomprehendidas, imprecações talvez, talvez um grito de triumpho ou um transporte de amor... A polyphonia dos seres e das cousas naquelle vasto laboratorio da vida, naquelle extenso campo de batalha. Atmosphera sonora... Em meio, caprichoso, o leit-motiv nostalgico de um vim-vim.

"Vim... vim !..."

"Vim... vim !..."

Extasia-o, empolga-o um mysticismo pantheista. Deslumbra-o como nunca a imponencia da floresta onde tantas vezes se perdeu. Inteiriçado, um fluido magnetico envolvendo-lhe o corpo, o cerebro dormente, é uma presa dos sentidos. No carroussel da cabeça, rodopiam suggestões novas de mistura com reminiscencias que vêm de longe, longe... Menino, os pés descalços, passarinhando a bala de bodoque... Os subitos pavores

da meia luz, do ermo da matta... Historias arrepiantes da Caipora e dos espiritos máos... Exorcismos sem nexo, formulas cabalisticas...

"Eh ! cachinguelê, cachinguelê !
"Usubian têtu'..."

A majestade do reino vegetal ! Monumento de expressão symbolica formidavel. A manifestação da unica força creadora. A espontaneidade da vida na extravagancia, no exagero, no disperdicio, no insensato esbanjamento de energias, na portentosa materialização da belleza, na harmonia dissonante, no poema dos poemas, sobrehumano, super-divino, natural, do mundo increado !

Todo eriçado pela emoção que é um harpejo sem fim, crê numa apotheose de sua terra, do seu mundo antigo, a surprehendel-o com a magnificencia de um espectaculo antes inapercebido. Em criança gritava assim:

— Eh !

A matta responde-lhe hoje pelas mesmas vozes que se avelludavam no mysterio dos tempos idos:

"E-e-e-h !..."
"E-e-e-e-h !..."
"E-e-e-e.h !..."
"... e-e-e-e-e-e.e.h !..."

IV

Os portadores vêm a galope.
— Seu doutô chamou ? Vi gritá...

— Gritei p'ra ouvir a matta responder, Manè Cabôco.

— Ihi ! Jurguei qui voss'sinhoria tivesse argum sobrôsso.

Cavallos a passo, á vontade.

— Se alembra adonde está, seu doutô ? Na Pitada. E', inhor sim. Costumava apparecê assombração. Um binga destampava — toc ! — e o capeta (ave Maria, ave Maria) preguntava fanhoso qui nem defunto: "Qué u'a pitada ?"... Dizque muito cachorro apanhou aqui de reio. Ninguem não via. Era só estalando — tá !... tá !... Os ca'allo tomém se assombrava. Inhor sim...

I

A casa grande não reparou quantos annos se passaram. E' a mesma. Apenas um curral novo, ao lado, maior do que o antigo.

Só o engenho, o velho pardieiro colonial que evoluira da almanjarra para o vapor, é um simples espectro do passado. A usina matou-o com os seus tentaculos de aço, os trilhos que se alongam pelos cannaviaes. Desde que o monstro da éra industrialista appareceu, resfolegante, espantando os bois com uivos medonhos, arrastando uma cauda enorme, todo negro, de ferro, na testa um só olho luminoso, começou a decadencia do banguê.

Uma chaminé fria, ennegrecida, bota luto pelo fogo morto da éra que não voltará mais.

II

Caminhando para o banheiro, pouco abaixo do açude, Eurico olha o cercado em torno. Um rebanho de ovelhas... Vaccas pastando... Ca-

vallos em correria, escouceando-se, ás dentadas... Aqui e ali, entristecendo a paisagem, um mise- rancho de palha.

O tanque do banheiro escorrega, coberto de lôdo. Jorra da bica enorme o volume da agua côr de barro. Agua suspeita aos olhos do homem civilizado.

III

Volta para casa, a toalha molhada ao hom- bro, torcendo os pés no desequilibrio dos taman- cos novos, desacostumados.

— "Eurico ?"

Sua mãe chama-o de dentro do "barracão". O barracão é um casebre de telha baixa, sem luz, ar abafado. Um velho balcão. Prateleiras vasias. Latas grandes e negras, depositos de feijão. Sac- cos de farinha. Pequena barrica de bacalháo mal cheiroso. Uma lata de kerozene com torneira. Um barril de aguardente.

— A mesma lida, hein minha mãe ?

Eurico sempre lhe admirou o caracter infati- gavel, mandando plantar grandes roçados de me- lancia, dirigindo ella propria a ceva da mandioca no caitetu', traficando com os moradores, a quem revende os viveres comprados a elles mesmos, na safra, ou aos atacadistas da cidade.

— Aqui, meu filho, lidando com esse pessoal...

Observando os freguezes do barracão, elle so-

bresalta-se. Figuras esqualidas de trabalhadores mal nutridos, desnudos, um ar de abatimento e de fadiga no rosto anguloso, nos hombros emborcados.

A senhora de engenho pesa na balança de conchas um rabo secco de bacalháo. Barbatanas e espinhas.

— Sa dona Generosa faça um pesinho bom... Deixe a balança ao menos assentá. Meia quarta, pesada bem pesada...

— Você inda está de sorte, Catolé. Eu não devia lhe vender mais fiado...

— Si deus noss'sinhô quizé hei de pagá, sa dona.

— Com aquella roça cheia de matto...

— P'ra sumana vou dá ua limpa, si deus quizé, sa dona.

— Si a preguiça ajudar, Catolé. Emfim, tome lá o que você gosta...

Catolé pega o copinho de cachaça com a mão tremula, vira de um trago — ah ! —, cuspilha a parede, apanha no balcão a mochila com farinha grossa, o pedaço de rapadura, as cem grammas de bacalhão mal pesadas. Vae-se como uma sombra, arrastando os pés inchados da opilação.

— Isso é um doente, minha mãe.

— A doença delle é preguiça...

Os outros trabalhadores, freguezes do barracão, riem da desgraça do camarada. Eurico sáe com a mãe para o almoço. Almoça mal. Almoca debaixo da impressão de uma scena a que elle assistia outr'ora sem se impressionar.

IV

Manhã cedo, Eurico toma o copo de leite cru'. ao pé da vacca, e sáe ao léo, sem rumo pelo meio do cercado.

O pasto enverdeceu com as chuvas de janeiro. O céo limpido, no ar um perfume que lhe desenha na memoria visões da infancia... Os bois levantam a cabeça e o olham com os seus olhos brandos.

— Bom dia, commendador !

Os bois não se espantam, e elle passa, bem humorado, a assoviar.

V

Um cachorro de pobre aggride-o em falsete, os dentes á mostra. Elle estala os dedos, e o rafeiro agacha-se, transmudado, farejando amizade, a cauda fina em reboliço.

Perto, numa casa de palha, voz quente e [illegible] ça vibra num rythmo de estranha marcha, na musica barbara de sabor oriental:

"Inda não vi
Um amô qui nem Maria..."

"Inda não vi
Um amô p'a si amá".

VI

— Meu velho, bom dia.

— Bons dia, moço... Vosmincê, qui má pregunta, é o fio do Seu Coroné ? Ahn, bon. Bons dia ! Antonce, tá passeando pulos matto... Eu sou o véio Lourenço do Piancó, inhor sim. Móro nas terra do pae de voss'sinhoria dérna a derradeira secca. E', inhor sim. Fios ? Tenho nove, temo nove, eu e a muié. Quatro feme e cinco macho. Afóra os que já tão no céo — um pudê. E', inhor sim. Trabaiémos eu, a muié e os fio mais véio. Hoje ? Inhor não, hoje não se trabaia, é domingo. Foi o dia qui Nos-Sinhô deixou pro descanso do pobre...

Domingo... No matto perde-se a noção dos dias da semana. Eurico, no terreiro da choupana, vae estendendo a conversa com o velho. Um inquerito sobre as condições de vida no campo. Hesitação, receio de desagradar...

— Seu Coroné, não desfazendo dos mais, é um bom patrão. Nóis inté tamo sastifeito. E', inhor sim. O trabaio é que tá ruim em todo canto.

Mas as queixas não tardam. Pobreza, miseria, desabrigo num rancho todo cheio de gotteiras. Falta de roupa, falta de agasalho, crianças doentes... O salario, o jornal não dá mais para nada. Trabalhar de sol a sol por 1$300... E a vida cara, o bacalhão, a ceará e o gaz por uma fortuna... O algodão da roça em que trabalham todos os da familia, no pedaço de terra que o coronel cedeu para aproveitar mais tarde como pas-

to, o algodão poderia dar melhor dinheiro si fosse vendido na "rua", na cidade. Isso o velho Lourenço não fará, tanto porque não possue cavallo para carregar, como porque o coronel tem armazem de compra e não gostaria que os moradores fossem vender lá fóra...

Eurico sente a tragedia da servidão na terra que elle acreditou sempre livre, dadivosa, farta para todos quantos trabalham. A lei da Abolição não extinguiu o captiveiro porque deixou o liberto na terra escrava, sob o regimen feudal dos latifundios.

Olha de longe a casa grande. Esparramada, cumieira alta, dominadora. Compara-a com a baiu'ca do Velho Lourenço. E olha de novo a casa dos paes, destacando-se ao fundo verde do panorama, na moldura do grande cannavial que o suor dos caboclos pobres regou.

Dos fundos da choupana vem a estrophe barbara, no barbaro alheiamento das privações, do desconforto.

"Inda não vi
Um amô qui nem Maria..."

I

O tédio avassalador.

Enfarado da paisagem verde, os olhos saturados de chlorophila, os sentidos repellindo a monotonia das folhas, do céo azul lavado, da musica nas phrases dos caboclos, dos habitos, dos alimentos, da quietude só perturbada pelos silvos da locomotiva, um dia ou outro, e do mugido nostalgico dos animaes. Eurico fecha-se no quarto antigo do tio padre. O quarto que a familia conserva como o velho conego o deixou ao morrer. A bibliotheca inutil de obras sacras. Alguns tratados de botanica, estudos de ethnographia. Um precioso manuscripto do velho clerigo. Apontamentos para alguma obra sobre a escravidão ? Notas sobre as raças negras importadas: felupos, minas, cabindas, angolas, monjolos, mandingas, krumanos, nagôs, bambas, quilôas... Classificados os mais feios, os typos de belleza, compleição e estructura, pigmentação, caracteres moraes, intelligencia... Feitiçarias... Vida na senzala... O

regimen de trabalho: doze horas, divididas em turmas, de dia e de noite — o quinguingum. Roupa de "cotão", fiado e tecido no engenho. Os pretos de calça, nu's da cintura para cima. As pretas de "cabeção" e saias curtas. Escravos que davam sabbados e faziam quinguingum para libertar-se ou alimentar-se melhor. "Dôr no corpo todo", a fadiga, que o feitor considerava manha... Supplicios no tronco. E o terço obrigatorio ás nove da noite:

"O' virgem da conceição,
Maria immaculada,
Ouvi como advogada
Nossos clamores".

Depois, ecoando por todo o engenho a invocação lugubre do

"Senhor Deus !
Pelas dôres de vossa mãe Maria santissima,
Misericordia !..."

Eurico embrenha-se no passado, através das paginas amarellecidas. A éra sombria da escravidão... Um mundo antigo resuscita na penumbra do quarto do defunto padre, onde ratos e baratas brincam, á noite, de mal-assombros. Eurico recu'a, espavorido, e quanto mais recu'a, mais augmenta o seu horror. O salariato alarmou-o, e elle procurou a paz no campo. Confrange-o a miseria da servidão agraria. Recolhe-se, mergulha no pas-

sado, e o cercam espectros da éra negra, e o seu coração emotivo sente os horrores da velha exploração do homem pelo homem... A palmatoria, os anjinhos, a gargalheira, o gancho com chocalho, o banco, o chicote de couro cru', a novena de açoite — nove noites de surras com applicação de vinagre e sal ás sevicias !...

Uma annotação do tio padre: "A Abolição, como a acabam de fazer, constitue um crime. A Natureza não dá saltos. *Natura non facit saltus.* Os senhores de engenho consideram, com razão, tal acto um roubo do Governo á Nação, um attentado ao mais sagrado de todos os Direitos, firmados pela Lei dos homens e pela Santa Religião de Nosso Senhor Jesus Christo: o Direito da Propriedade".

II

O tédio é um monstro a crescer de minuto a minuto.

Reclinado na preguiçosa de lona, Eurico olha do alpendre o mesmo céo violaceo, por sobre o mesmo cannavial, recortado sempre na linha sinuosa dos morros. Cáe a tarde. Na capella do engenho bate um angelus fanhoso. Lá longe, á esquerda, a queima de um roçado.

No pateo, os irmãos. Eurico observa-os com a indifferença de um estranho. Juca, vaqueiro e brigão, laçador de novilhos, domador de poltros bravos. Pela estrada de sua vida ha cruzes marcando as tocaias contra cangaceiros ferozes... Chico é o poeta degenerado da familia. Violeiro

e devasso. Canta, e os seus improvisos rimam obscenidades. Os perfumes da vida, aspira-os como um fauno. A belleza inspira-lhe attitudes depravadas. Perversão dos sentidos, no deboche e no alcool. Manduca é a grande esperança, a unica esperança dos paes. Sabe conduzir uma questão de terras, avançando a cerca nova pela divisa dos vizinhos pobres. Ama, como o pae, a rotina dos processos na agricultura. Feliz, inconsciente, ao nivel do atrazo mental de todos, senhores e servos, satisfeito com a ignorancia, gozando a vida barbara. Conceição... Flôrinha selvagem. Temperamento emotivo, sentimental, constrangido num horizonte que se aperta entre superstições e preconceitos antigos...

Desce a noite. A queimada é um facho immenso. Chispam vaga-lumes e estrellas na negra amplidão.

O tédio envenena, entorpece a alma, afoga todas as coisas num lago de maconha. Sonho sem figuras, sem côres, sem sons, sem nexo... Nirvana.

III

Uma vez na semana, Eurico vae á "rua". A cidade serrana dormita ao cair da noite. Elle segue a cavallo para o hotel, perto da estação. Põe o cavallo a passo e escuta a modinha da serenata, á esquina da rua deserta:

"Senhor, eu venero muito a ti
Mas confesso sem temor
Que a ella eu amo mais...

E os violões gemem num acompanhamento precioso, no estylo dos versos e da musica de colcheias, pernostica, rebuscada.

IV

Passa uma noite no hotel. Cerveja morna. Mulheres avelhantadas que deixam o Recife, em *tournées* pelo interior. Amostras de depravação, acondicionadas em *robes du soir* batidas, numa decoração espectacular de joias falsas.

Na sala do bilhar, aonde vae desparecer da companhia estupida, Eurico encontra a roda de todas as noites, até tarde. O juiz-substituto e o pharmaceutico porfiam no gamão, o taboleiro ás pernas. Tres a quatro noctivagos inconsequentes "aperuam" o jogo. E, no intervallo de uma arrumação de pedras, a conversa descamba, somnolenta, entre bocejos, para assumptos economicos e sociaes.

— A desgraça do Brasil é o arame farpado !

Uma sentença despretenciosa, em que Eurico vê synthetizada, na meia inconsciencia daquella pequena burguezia urbana, a condemnação do nosso regimen agrario.

I

Guiomar vem a passeio, com os filhos, porque o marido foi á capital discutir machinas de usina e qualidade de assucar.

Os Nolascos já são recebidos no engenho Santa Cruz. Donos da usina...

Para que falar mais na velha inimizade ? Os Nolascos não tomaram um palmo das terras do coronel Zacharias. Passou o perigo da hecatombe. A cabroeira descansou o rifle e dissolveu-se. Mas os trilhos penetraram pelos dominios do coronel Zacharias, e a canna do Santa Cruz corre na esteira da Perseverança, confunde-se nas turbinas, sáe o "demerara" que é o orgulho dos Nolascos.

Guiomar tem o semblante cansado e triste. A imagem da melancolia. Pouco fala com Eurico. Evita-o na conversa. Comtudo, uma força os attráe. E quando elle narra nostalgicamente historias de um mundo encantado, onde as mulheres são chics e a vida corre numa agitação infrene,

ella ouve-o silenciosa, as palpebras pestanudas baixas. Um voto conjugal que nem os olhos quebram.

II

O coronel Zacharias paga o jornal dos trabalhadores em vales de papelão.

Maltrapilhos, descalços, banzeiros, abatidos pela fadiga, os moradores recebem os cartões e vão entregal-os no barracão a D. Generosa, por conta da divida em atrazo.

Eurico acompanha-os com um olhar de inutil solidariedade.

III

— O véio Lourenço arribou no mundo...

— Pra donde ?

— Pro sertão.

— O sertão tará mió ?

— Sei lá ! O véio viu a coisa preta... Capitão Chiquinho fazendo visage atraz da casa do véio... O véio cum fia moça, abotoando...

— Ehê ! Tava ahi, tava no papo.

Vendo Eurico, os caboclos silenciam.

— O velho Lourenço do Piancó foi embora ?

— Foi, inhor sim.

— Porque ?

— Sabemo não, seu doutô.

— Elle se queixou a vocês de alguma coisa ?

— Inhor não. Moradô quando qué arribá diz lá nada o quê...

— Vocês estavam dizendo que meu irmão Chico...

— Ehê !.. .

— Chico não respeita as filhas dos moradores ?

— E seu doutô innora ? Capitão Chiquinho é lá caçoada !...

IV

Eurico observa. No Brasil não ha quasi preconceito de raça. Ha preconceito de classe. Mané Cabôco, o sertanejo de olhos azues, é mais branco do que os filhos do senhor de engenho. Um dolico-louro perdido nas brenhas. Só o chamam "caboclo" porque é trabalhador de enxada, é morador pobre, assalariado.

Eurico sympathiza fortemente o sertanejo. E D. Generosa adverte-o:

— Não me dê ousadia a esse cabra-laranja ! E' muito inxerido. Dá-se o pé, quer a mão.

V

— Si seu Coroné deixasse eu botá uma roça boa na Grotinha...

— Talvez deixe, Mané Cabôco.

— Deixa o quê, seu doutô...

Experimentando-o, Eurico lança a semente:

— Um dia, Mané Cabôco, quando essas terras todas forem divididas entre vocês, trabalhado-

res... Quando vocês, reunidos, puderem fazer grandes plantações para vocês mesmos...

— Terra dividida, cuma ?

— Deixar de ser propriedade de meu pae, minha, de meus irmãos.

— Não tou entendendo.

— A terra deve ser de todos, como o sol, a chuva, a agua dos rios, o ar que respiramos...

— Mas si nóis não tem dinheiro pra pagá aos prupiataro ?

— Não se paga, Mané Cabôco.

— Isso era uma ladroaje, seu doutô !

Zé da Candinha, molecote esperto, ouvindo a conversa a um canto, intromette-se:

— Tou gostando dessa leis de seu doutô...

VI

O luar coalhou sobre todo o cercado.

Lá longe, o perfil indeciso de um mocambo, a candeia de luz frouxa, hesitante, a bruxolear.

Um chocalho triste, em ruminação: delen, delen, delen, delen...

*
* *

Eurico sonha que já viveu numa grande cidade. Os mapples das salas atapetadas... O dormitorio... A sala de banho... O abat-jour e a victrola... O telephone... O automovel no asphalto...

Vae andando. Abre a cancella pesada. Um cão

ladra e outros respondem por todas as distancias. Do lado de lá da Ladeira Vermelha vem o éco de um samba.

"... ô tiá !"

"... ô tiá !"

O leguelê de uma embolada incomprehensivel.

"... ô tiá !"

"... ô tiá !"

E o compasso do ganzá—xáque-xáque, xáque-xáque, xáque-xáque...

*

* *

No terreiro da casa de taipa, á luz vermelha da candeia de kerozene pendurada á parede negra, os pares sapateiam, defrontando-se nas embingadas.

"... ô tiá !"

"... ô tiá !"

Uma voz guttural:

— "Viva o nosso capitão Chiquinho, sinhô !"

Eurico vê o irmão, acapadoçado, o lenço ao pescoço, bebendo cachaça com a cabrueira.

I

A casa grande em reboliço. O coronel Zacharias feroz, praguejando, a gritar com os moradores.

— Vão desencavar José, Manoel e Francisco nem que seja na casa do diabo !

— Capitão Chiquinho tava honte na festa do Zé Carreiro. Capitão Manduca deve andá pulo partido novo.

II

D. Generosa, as palpebras vermelhas, estranho brilho de odio nas pupillas, responde apenas a Eurico:

— Uma desgraça, meu filho !

III

Os homens da familia reunem-se em torno da mesa comprida, na sala de jantar. A luz de

um "Santos Dumont" bate na toalha de xadrez encarnado.

Coronel Zacharias informa, os olhos baixos. Um cabra atrevido fez mal a Conceição.

— Quem, meu pae ? !

Elle acena para que Juca, furioso, erguido num impeto, se acalme.

— Vamos pegar esse cabra seja onde fôr.

— E pical-o !

Todos concordam. Só Eurico deseja mais informações. Como foi. De quem se trata. A possibilidade de uma reparação pelo casamento...

O pae encara-o num olhar metallico. Entreolham-se os outros irmãos. E um silencio de angustia pesa na sala.

IV

— Quero ver Conceição, minha mãe.

— Está no quarto.

V

Estendida no leito, o rosto afogado no travesseiro, ella soluça. Eurico fala-lhe. Aconselha-a docemente. Como foi ? Um caso de amor ? De plena vontade ? Conforme as circumstancias, elle perdoará até ao homem responsavel. A ella, mulher, não criminará.

Conceição ergue o rosto dolorido, fixa o irmão com espanto. Grossas lagrimas de reconhecimento.

— Você gostava delle, Ceição ?
Ella chora convulsivamente.

— Você é moça, tem direito a amar. Não pense que o amor tira a innocencia nem macula a pureza de seu coração. Perdida, deshonrada ? Mentira ! Você é para mim a Conceição de sempre. Tenha coragem. Não se maltrate, pensando num crime que não existe. Hypocrisia dos homens antigos, Ceição. A malicia de preconceitos com que trouxeram as mulheres escravisadas. Olhe quem accusa você: o Chico ! A moral do Chico... Tenha força para soffrer. Aqui em casa ninguem a perdoará. Deixe. Elles não têm faltas... Mas, pelo menos, não se accuse você propria. Si você pudesse ver com os meus olhos a verdadeira vergonha da familia... A vergonha dos que vivem do suor alheio. Não se commovem com o abandono das creanças. Não enxergam os estragos da fadiga e da opilação. Pobres dos trabalhadores famintos, alquebrados, farrapos da vida...

Empolgado pelo drama inactual, Eurico declama, fóra de si. A irmãzinha não assimilará a philosophia do discurso. Mas elle expande-se. Uma necessidade psycho-physiologica. E ella ouve-o instinctivamente agradecida, o soluço derivando para emoção nova, confortada.

VI

Cavallos arreiados, o coronel, os filhos e ca-

pangas de confiança vão montar. Eurico, já de botas, hesita ainda. A voz do pae é imperiosa:

— Vamos, Eurico.

VII

Uma noite de cavalgada, a galope. Idéas tragicas, horripilantes, armando cadafalços na imaginação do unico homem que perdeu, ali, a mentalidade barbara.

VIII

Mané Cabôco mudando a sella do cavallo cansado para outro que apanhára no caminho, ao acaso.

Os perseguidores o cercam.

— Além do mais, ladrão de cavallo !

Rifles disparam para o ar. E o epitheto ecôa. Ladrão de cavallo ! Acorrem moradores da redondeza.

— Enforca o ladrão de cavallo !

O maior crime em tal sociedade. O crime que se pune com a execução summaria.

— Enforca !

— Não ! Esse bandido é meu.

Eurico não conhecia aquelle riso estranho no semblante do pae.

IX

Não ha resistencia. O prisioneiro deixa-se

desarmar. Sem um protesto. Sem um lamento. O fatalismo em que temperou o caracter.

Amarram-lhe pés e mãos em dois páos formando um X. O torax de athleta arqueja. Pingalhe o suor.

Juca desembainha larga faca.

— Espere, meu pae. Deixe eu capar primeiro essa peste !

Ha uma força que prende o olhar de Eurico, acompanhando a selvageria.

— Abre a bôca, peste ruim ! Engole !

X

Mais uma cruz, talhada em madeira verde, á beira do caminho.

TERCEIRA PARTE

A' Margem Da Vida

I

Eurico volta para casa, fugindo aos esgares das arvores espectraes, arrepiadas, medonhas, em fila á beira do caminho. Galopa, distanciando-se dos irmãos e do pae. Do matto perseguem-no psius ! psius ! aterradores.

II

Conceição horroriza-o com aquella mascara de espanto e de soffrimento.

III

Nada vencerá a incompatibilidade de Eurico. Sua gente, seu mundo antigo apavora-o.

Um cavallo, uma sella commoda, uma carona com raras peças de roupa lhe bastam para fugir.

IV

Voltar para a cidade ? Ha um espantalho na

memoria do que tambem não se adaptou á agitação e á inquietude do industrialismo.

Dá á rédea para o poente. Atravessa o rio.

O cavallo bate as castanholas dos cascos sem ferradura no chão secco, entorroado. De um lado e do outro do caminho, a pobreza da vegetação. Palmeiras ouricurys, velame dos campos, moleque duro, uva do matto... O mandacaru', que no agreste é a sentinella avançada do sertão...

Legoas e legoas despovoadas.

Um ford poeirento, chispado, buzinando, louco, nos taboleiros desertos...

E cada rancho perdido guarda um punhal para o coração inconsolavel ante a miseria e a exploração do homem que trabalha.

I

De fazenda para fazenda, pouca demora, raras palavras, a figura estranha do "Doutor". O homem que envelheceu no olhar vago, no semblante inexpressivo, no relaxamento physico, no desinteresse, no abandono em que se nega a preoccupação anterior — a vontade de ser util annullada pelos obstaculos. Uma vida objectivada em lendas extravagantes.

Os matutos riem, troçam do "Doutor". Um leseira... Mas nas chacotas que o alvejam ha, paradoxalmente, um respeito supersticioso. Parece um Beato do Santo Joazeiro, a barba em cachos, os olhos de imagem muito abertos sem ver o mundo, ou apertados por traz dos oculos para olhar o caminho da viagem que não tem fim.

O cavallo magro e a carona velha, alforge e guarda-roupa.

Um mysterio a aprofundar-se com o tempo, aquelle viver erradio.

I

A Serra Grande é para os caboclos o caminho do céo. Tres legoas subindo, subindo, subindo, subindo...

Eurico aperta os olhos, estira o pescoço de myope, o corpo emborcado e bamboleante ao passo do cavallo, as pernas abertas em arco sobre a velha carona.

Pela sinuosa da estrada desce um formigueiro. Almocreves ?

Na palhoça do pé da ladeira mulheres rodeadas de creanças nu'as olham tambem do terreiro, a mão em pala á testa. Apontam o numero sem fim de cavalleiros que descem um a um pela sinuosa da estrada.

— "Virgem Maria ! Até parece um castigo".

II

Eurico apeia-se, puxa o cavallo magro para a capoeira. Detraz de um capão de matto, obser-

va a tropa que desce, desce, e não vê o ultimo da fila interminavel.

As mulheres da palhoça arrepanham *picuás* — as preciosidades do lar miserrimo — escancham meninos nos quadris e ganham o matto.

III

A tropa descendo.

Nos primeiros homens armados distingue-se já o kaki, sob o chapéo de campanha. Alimarias carregadas de metralhadoras.

Vão passando homens jovens, semblantes alegres, porte animado, enthusiasmo da victoria. O sussurro da marcha á vontade, na despreoccupação da paz, que é o inimigo distante. Um lenço vermelho ao pescoço completa o uniforme de praças e officiaes.

Soldados, soldados, soldados, soldados, soldados...

IV

Vão passando...

V

Os ultimos descobrem o cavalleiro occulto no capão.

Preso, Eurico incorpora-se á tropa. O cavallo magro, o cavalleiro de ar abstracto, pernas abertas na velha carona... Um motivo para a galhofa dos soldados, quebrando a monotonia da marcha.

I

— Quem é você ? Donde vem ? Pra onde vae ?

Um official interroga-o na barraca do acampamento a que a noite obrigou. Eurico responde em phrases vagas, a voz sumida, o olhar parado e frio.

— Isso parece um maluco, seu tenente.

— Ou está se fazendo...

II

Noite fria do sertão. O céo limpido, todo cheio de estrellas rutilantes, estrellas que brilham tanto e tão perto da terra, ao alcance da mão do prisioneiro insomne...

O acampamento derrama-se pela varzea. Sob a *féerie* do estellario, as silhuetas das barracas, o vulto da sentinella que passa, grupos de soldados que se aquecem, derreados pela fadiga, em torno de pequenas fogueiras. Os soldados cavaqueiam. Commentam a situação. Referencia a um episo-

dio da luta... Uma phrase, outra phrase... Sopram no cinzeiro que é a alma de Eurico os restos de um enthusiasmo imperceptivel.

A insurreição empolga o Brasil. Conquistados já os centros mais importantes, espraia-se, domina o paiz inteiro. Vae combater em campos longinquos os contra-revolucionarios recalcitrantes.

Cavaqueiam os soldados ao pé do fogo. Um tom de lenda na admiração pelos chefes, no elogio ás figuras novas, que o movimento popularizou. Nomes que elles repetem vão debuxando na retentiva do prisioneiro o perfil de antigos camaradas. Victoriosos os companheiros de quem Eurico se desgarrou nem sabe como...

III

Amanhece. A tropa movimenta-se.

Eurico vae-se, posto em liberdade como um inoffensivo demente.

IV

Do meio da Serra Grande, volta-se e contempla o resto da tropa, avançando pela baixada, desapparecendo lá na curva que dá para o grotão.

Alteia-se, de espaço a espaço, uma phrase musical. Vão cantando. Estribilho de marcha revolucionaria. Vão cantando... Depois, o canto é já um rumor indefinido.

O sol espia-os de traz da serra. Festeja-os na

rubra decoração do horizonte. E tudo quéda no silencio da natureza castigada.

— "Eurico ! Eurico !"

As multidões o acclamavam assim.

Elle aperta os olhos e vê apenas, redourada pelo sol nascente, uma nuvem de poeira finissima. O rasto luminoso dos que seguiram seu caminho.

FIM.

0-63
B. 300-2

— O —

Coronel Louzada

ROMANCE

DE

PEDRO MOTTA LIMA

1.ª Edição — 1927
2.ª Edição — 1929

Empreza Graphica Editora - Paulo, Pongetti & Cia.
Avenida Mem de Sá. 78 - Rio - 1930

ENCADERNAÇÃO
da
LIVRARIA CASTRO E SILVA
LISBOA-PORTUGAL

UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00032499270